

Realização:



XXX PAINEL DE BIBLIOTECONOMIA EM SANTA CATARINA

TEMA

A comunicação científica e os profissionais da informação: a produção científica e a educação continuada

**Data: 07 e 08 de outubro de 2011
Das 8h às 18h**

**Local do evento: Centro de Eventos SESC Cacupé
Estrada Haroldo Soares Glavan, 1670. Cacupé
Florianópolis – SC**

Florianópolis, 2011

Associação Catarinense de Bibliotecários (ACB).
CNPJ: 75.370.015/0001-40
Avenida Josué Di Bernardi, 239 – Ed. Jowi – Sala 302
88101-200 – Campinas – São José – Santa Catarina – Brasil
Tel.: (48) 9933 5384 E-mail: secretaria@acbsc.org.br
Site: <http://www.acbsc.org.br>

“Nós acreditamos na profissão e quem acredita faz, e é uma profissão maravilhosa, costumo dizer que somos polvos, cada tentáculo é uma área que podemos atuar”.

Profª. Iara Conceição Bittencourt Neves - Curso de Biblioteconomia UFRGS/Porto Alegre, em comentário no XXX Painel de Biblioteconomia em SC.

SUMÁRIO

1	CERIMONIAL DE ABERTURA.....	05
2	CONFERÊNCIA DE ABERTURA: “A comunicação científica e os profissionais da informação: a produção científica e a educação continuada..	08
2.1	PERGUNTAS E COMENTÁRIOS.....	10
3	MESA REDONDA: “A produção científica nas universidades: visão, participação e contribuição dos profissionais da informação”.....	11
3.1	PERGUNTAS E COMENTÁRIOS.....	13
4	MESA REDONDA: “Recursos da Web no armazenamento, produção e difusão da comunicação científica”.....	14
4.1	PERGUNTAS E COMENTÁRIOS.....	16
5	MESA REDONDA: “Entidades de classe e associativas: desafios e perspectivas para a organização dos bibliotecários”.....	18
5.1	PERGUNTAS E COMENTÁRIOS.....	19
6	APRESENTAÇÃO DE TRABALHOS.....	20
6.1	BANCO INTERNACIONAL DE OBJETOS EDUCACIONAIS: um relato de experiência do Projeto ODIN.....	20
6.2	DISSEMINANDO A IGUALDADE: um balanço da Biblioteca de Referência sobre Diversidade Cultural – BRDC/NEAB/UEDESC (2009/2010).....	21
6.3	IMPLEMENTAÇÃO DO RI FURG: uma visão através do catálogo decisório de autores.....	22
6.4	OFICINAS DE CAPACITAÇÃO PARA ACESSO À INFORMAÇÃO CIENTÍFICA: uma experiência no Senac de Florianópolis/SC.....	23
6.5	A INTERAÇÃO COM O ENTREVISTADO NA COLETA DE NARRATIVAS PARA A COMPOSIÇÃO DO DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO: vivências de pesquisadora.....	24
6.6	DO CATÁLOGO IMPRESSO AO ON-LINE: alguns desafios para os profissionais bibliotecários.....	25
6.7	USABILIDADE DA SEÇÃO DE AVALIAÇÃO DO SISTEMA ELETRÔNICO DE EDITORAÇÃO DE REVISTAS ATRAVÉS DA OPINIÃO DOS AVALIADORES DO PORTAL DE PERIÓDICOS CIENTÍFICOS DA FURG...	26

6.8	IMPLANTAÇÃO DO REPOSITÓRIO DIGITAL DO PROJETO 'MEMÓRIA CIENTÍFICA DA FAED COM DSPACE: relato de experiência.....	27
6.9	ESTUDO PRELIMINAR DO TESAURO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE.....	28
6.10	REVISTA BRAVO!: análise de um periódico não científico como fonte de informação na área literária.....	29
6.11	OS ARTIGOS CIENTÍFICOS EM TEMPOS DE WEB 2.0: uma reflexão teórica.....	30
7	CONFERÊNCIA FINAL: “Mediação, disseminação e educação continuada”.....	31
	ANEXO – Relatório do VII Fórum Estadual de Bibliotecas Escolares.....	32

XXX PAINEL DE BIBLIOTECONOMIA EM SANTA CATARINA

TEMA

A comunicação científica e os profissionais da informação: a produção científica e a educação continuada

Data: 07/10/2011 das 8h às 18h

1 CERIMONIAL DE ABERTURA

Solenidade de abertura do XXX PAINEL DE BIBLIOTECONOMIA EM SANTA CATARINA, uma realização da Associação Catarinense de Bibliotecários – ACB.

No XXX Painel de Biblioteconomia em Santa Catarina, a ACB contou com um grande público aliando toda a Região Sul, Federação Brasileira de Biblioteconomia, Cientistas da Informação e Instituições, Conselhos Regionais, Órgãos do Governo Federal, Estadual e Municipal e demais instituições.

Durante esta edição do Painel, ocorreu simultaneamente a VII edição do FÓRUM ESTADUAL DE BIBLIOTECAS ESCOLARES organizado pelo Grupo de Bibliotecários da Área Escolar de Santa Catarina – GBAE/SC (relatório, em anexo).

Para fazer parte da mesa de abertura, a mestre de cerimônia Miriam de Cássia do Carmo Mascarenhas Mattos (Diretora Regional da ACB-SC) convidou as seguintes autoridades: presidente da ACB, Sr. Osias do Rosário; a Sra. Liliana de Oliveira Granemann Rosa, chefe do Departamento de Biblioteca Escolares e Comunitárias da Secretaria Municipal da Educação, representando o Sr. Dario Elias Berger, Prefeito de Florianópolis e o Sr. Rodolfo Joaquim Pinto da Luz, Secretário de Educação do Município de Florianópolis; a Sra. Sigrid Karin Weiss Dutra, presidente da Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas da Informação e Instituições; a Sra. Nêmera Arlindo Rodrigues, presidente do Conselho Federal de Biblioteconomia; a Sra. Ana Lúcia Zaia Costa, presidente do Conselho Regional de Biblioteconomia 14ª Região; a Sra. Débora Matias Gomes, diretora do Sindicato de Bibliotecários de Santa Catarina, representando a presidente Miriam Mattos; a Sra. Profa. Dra. Rosângela Schwarz Rodrigues, representando a Profa. Dra. Clarice Fortkamp Caldin, coordenadora do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Santa Catarina; a Sra. Profa. Dra. Márcia Silveira Kroeff, coordenadora do Curso de Biblioteconomia da Universidade do Estado de Santa Catarina.

Para sentar na primeira fila de cadeiras reservadas, foram convidadas a Sra. Andréia Silva de Souza e Daniela Oliveira Spudeit, representantes da coordenação executiva do evento; a Sra. Eliane Fioravante Garcez, coordenadora do Grupo de Bibliotecários da Área Escolar de Santa Catarina; a Sra. Ana Carolina Remor, coordenadora do Grupo de Acadêmicos de Biblioteconomia de Santa Catarina.

Em seguida procedeu-se a execução do Hino Nacional.

Os objetivos deste evento foram: aprimorar a prática profissional dos bibliotecários catarinenses propiciando educação continuada aos mesmos; divulgar e compartilhar experiências, resultados de pesquisas e estudos da área de Biblioteconomia e Ciência da Informação realizados em Santa Catarina e em outras regiões do país; promover debates que

contribuam com a sociedade na realização de projetos e reivindicações de ações ao entendimento de nacionalidade, cidadania e responsabilidade e inclusão social; socializar práticas e vislumbrar oportunidades de intervenção política da classe bibliotecária catarinense no sentido de projetar ações relacionadas ao fazer profissional/político no sentido de fortalecer a categoria e projetá-la na sociedade catarinense.

Foi convidado o presidente da ACB, Sr. Osias do Rosário, para fazer uso da palavra.

Osias cumprimentou aos presentes e se disse emocionado em presidir a abertura da XXX edição do Painel de Biblioteconomia em Santa Catarina. Agradeceu aos profissionais, acadêmicos, patrocinadores, apoiadores e diretores da ACB que propiciaram a realização do evento, e de forma especial aos familiares. Fez uma referência especial também às profissionais e Diretoras que organizaram o evento, Profa. Dra. Delsi Fries Davok, Andreia de Oliveira, Daniela Spudeit e Fabiane Fuhr.

Segundo Osias, este é um importante evento de Biblioteconomia no Sul do Brasil, em que se reúnem todos os anos no mesmo espaço de interação, acadêmicos, mestres, pesquisadores, profissionais e admiradores da Biblioteconomia, para conhecer, debater, ampliar e perenizar as discussões em torno desta ciência. O tema deste painel, conforme Osias reforça o compromisso dos profissionais de Biblioteconomia com a produção científica a promoção do acesso à informação, prioriza a reflexão para a transformação dos ambientes de estudo e trabalho, cooperando ainda para as decisões que se farão a partir desse encontro.

“Este é o momento para ampliar nossos horizontes, nossas perspectivas e vontade de mudar o que se vê. É necessário levar nossas ideias a todos os cantos, colher ensinamentos e trocar experiências, única forma de fazer ciência e construir novos paradigmas. Afinal todos os povos, apesar das influências religiosas e diferenças culturais, o que lhes dão colorido especial, são gente, gente que sonha com a construção de um mundo melhor. Por isso é que acredito que este encontro será propiciador para que tudo isso aconteça de uma forma singular, pois para cada encontro desses, há por certo uma oportunidade única, que é colocar um rosto em uma multidão de gente que já se tornaram tão íntima através do mundo virtual. E que sem dúvida a internet aproxima, mas só o contato pessoal dá a chance de abraçar quem a distancia transforma em alguém imaginário. Pessoas transmitem ternura, mostram seu entusiasmo por nossas ideias e ideais. São estas manifestações que não deixam esmorecer, que nos encham de entusiasmo, que nos impulsiona a continuar buscando. Desejo transmitir a todas e a todos nossa esperança de que as reflexões e a produção do conhecimento oriundas desse painel possam fazer parte da agenda de estudo e ponderação dos pesquisadores, profissionais e estudantes que conduzem os destinos dessa ciência, orientando uma práxis libertadora. Que os resultados desses dois dias de encontro que inicia agora, possam, igualmente, chegarem aos mais distantes rincões, como chuva molhando terreno fértil, gerado pelas lutas incansáveis de muitos de nossos profissionais em prol de um mundo mais humano. Que provoquem em cada um o desejo pela pesquisa, discussões e estudos. Que a contribuição de cada profissional, de cada palestrante, presentes neste evento, reafirme os ensinamentos e que nossas atitudes traduzam nossa crença na contribuição para a construção de uma sociedade mais informada, mais justa e soberana. Tudo isso sem esquecer-se do cunho liberal e humanista do profissional Bibliotecário. Ao finalizar, quero poder repetir algumas palavras que Roosevelt disse ao seu povo, e que Kennedy repetiu para os estudantes da Costa Rica: esta geração, a nossa geração, tem um encontro marcado com o destino. Confio em que todos vós compareceis a esse encontro. Muito Obrigado”.

A presidente do Conselho Federal de Biblioteconomia, Sra. Nêmore Arlindo, foi convidada a fazer uso da palavra, representando as entidades de classe. Nêmore saudou a mesa, aos organizadores e a todos os participantes do evento, agradeceu o convite e se disse muito feliz de estar participando deste momento histórico, e honrada em representar as entidades de classe. Segundo Nêmore é motivo de orgulho para a classe e para os bibliotecários ter um evento que vem se realizando há tantos anos, marcado pela qualidade dos participantes dos debatedores e dos temas.

“O movimento associativo vem comemorando grandes conquistas, uma delas foi a aprovação da Lei nº 12.244, sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do País. Continuamos trabalhando pela aplicação da lei e a efetiva implantação das bibliotecas escolares. Em Brasília, no dia 4 de outubro, participamos do lançamento da frente parlamentar pela biblioteca pública. Que todos possamos nos sentir envolvidos e tocados para trabalhar também pelas bibliotecas públicas. As bibliotecas públicas e escolares são a base do cidadão, são elas que possibilitam que nossos cidadãos sejam beneficiados, autônomos, participativos para construir um país que precisamos. Por isso é importante termos o foco nestas bibliotecas, pois as especializadas e universitárias estarão fortalecidas na medida em que a base for sólida, e isso se faz pelas bibliotecas escolares e públicas. Santa Catarina é um exemplo, pois embora territorialmente seja um estado pequeno tem uma associação forte, que realiza este evento há 30 anos, tem um conselho atuante, um sindicato recém nascido, mas com muita força. Desejo um grande evento a todos, estamos unidos na luta pelas bibliotecas escolares e públicas e pelo fortalecimento do movimento associativo da classe bibliotecária no Brasil, por meio do pacto pela Biblioteconomia no Brasil, lançado no XXIV CBBB Congresso Brasileiro de Biblioteconomia (Maceió - AL, 7 a 10 Agosto/2011). Teremos uma nova reunião sobre este assunto no XII ENANCIB em Brasília, de 23 a 26 de outubro de 2011. Temos lutado pela defesa e pela promoção do profissional bibliotecário brasileiro”.

Neste momento a presidente do Conselho Regional de Biblioteconomia 14ª Região, Sra. Ana Lúcia Zaia Costa, procedeu à entrega do documento oficial do estado de Santa Catarina com as conclusões do encontro realizado, em 13 de setembro na Biblioteca Pública de Santa Catarina, com representantes das entidades de classe, universidades, alunos e profissionais bibliotecários para discutir sobre o Pacto pela Biblioteconomia Brasileira.

Dando prosseguimento ao painel, a ACB agradeceu a colaboração dos apoiadores UFSC, UDESC, SindBIBLIO e CRB e principalmente dos patrocinadores: FAPESC, BICCATECA, EBSCO, A PAGINA, METALPOX, ACERVO, BIBLIOSHOP. A mestre de cerimônia encerrou a solenidade de abertura agradecendo a presença de todos.

2 CONFERÊNCIA DE ABERTURA: “A comunicação científica e os profissionais da informação: a produção científica e a educação continuada”

Mediadora - Narcisa de Fátima Amboni, diretora da Biblioteca Universitária da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Conferencista - Prof. Dr. Benedito Barraviera

Barraviera falou sobre a evolução das publicações científicas, apresentando dados do Economist (www.economist.com). É crescente o número de revistas e o número de submissões é maior ainda. A competição é acirrada. O lema é “publicar ou perecer”. Há uma corrupção na Ciência. Não importa aonde se vai publicar, de preferência numa revista que não tenha revisão por pares, sem muito sacrifício. Isso é um problema da atualidade. Comentou o artigo publicado por Stephen Kanitz (www.kanitz.com.br), administrador por Harvard, intitulado “*Estamos emburrecendo*” (Veja, Ed. 1814, Ano 36, nº 31, 6 ago. 2003).

Barraviera destacou o Método Cartesiano elaborado por René Descartes (1596 – 1650, França), que consiste na realização de quatro tarefas básicas: verificar se existem evidências reais e indubitáveis acerca do fenômeno ou coisa estudada; analisar, ou seja, dividir ao máximo as coisas, em suas unidades de composição, fundamentais, e estudar essas coisas mais simples que aparecem; sintetizar, ou seja, agrupar novamente as unidades estudadas em um todo verdadeiro; e enumerar todas as conclusões e princípios utilizados, a fim de manter a ordem do pensamento. No método cartesiano, quando se tem um problema grande para resolver você divide-o em várias partes e vai vencendo cada etapa até juntá-las todas para o resultado final (exemplo, na elaboração de uma tese).

Para Barraviera não estamos vivendo mais o método cartesiano. Vivemos segundo Marc Halévy, a “Revolução noética” – nada é permanente, nada está escrito, nada está preestabelecido, pois tudo se inventa e se cria perpetuamente. Vivemos a era da “complexidade”. Este é o grande problema, aí que surgem as doenças psiquiátricas, principalmente a síndrome do pânico. Uma técnica que se usava na época da Guerra Fria era dar excesso de informação para o indivíduo enlouquecer.

Como administrar esta “massa” de conhecimento? Professores estão atualizados? As leituras sugeridas aos alunos são as do “estado da arte”? Alunos estão atentos a ciência perdida (antes de 1990, que não está no Google)? E a ciência oculta (idioma)? Se não tiver em inglês, ninguém lê. E o Dr Google? o Control C Control V (plágio)? Os alunos copiam e colam em seus trabalhos, esquecendo de citar ou achando que não é importante, aí vem o perigo do plágio. É importante se utilizar as ferramentas biblioteconômicas para identificar o plágio, que começa já no projeto de pesquisa e passa pela publicação. Os professores precisam atentar para isso.

A Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) mostra o investimento por aluno na rede pública em US\$: na educação básica, o Brasil investe 2.098, enquanto a média da OCDE é de 8.111. No ensino superior o investimento é de 11.610 e 10.543, respectivamente. Em 30 anos o Brasil conseguiu aumentar em apenas 3 pontos percentuais a proporção de pessoas com nível superior (*Avanço entre gerações*, Folha de São Paulo, 12 set. 2011). A distância que separa o Brasil dos mais ricos, que já era grande, aumentou ainda mais quando se compara a proporção de adultos com nível superior entre gerações. A informação consta de um relatório da OCDE. O estudo com indicadores de 42 países alerta que, caso a proporção de brasileiros com nível superior não aumente em relação

ao que é verificado hoje na população de 25 a 34 anos, o país ficará cada vez mais longe da média da OCDE, que congrega principalmente nações desenvolvidas (*Brasil avança menos que os países ricos no ensino superior*, Folha de São Paulo, 12 set. 2011).

Baixa competitividade o Brasil ganhou cinco posições na mais recente edição do índice de Competitividade Global, produzido anualmente pelo Fórum Econômico Mundial. O avanço tem sido lento. Entre 142 países analisados, o Brasil ficou no 53º posto, bem atrás da China e pouco a frente da Índia. Onde o país vai mal: burocracia e regulação; tributação; taxa de juros; leis trabalhistas; educação primária; infraestrutura (falta de). Este é um problema cultural. Por que o país do cuco lidera (itens em que a Suíça obteve a primeira colocação): educação – investem em educação básica; banda larga; infraestrutura; leis trabalhistas; inovação. (*O salto do Cuco*, Veja, Ed. 2234, Ano 44, n. 37, 14 set. 2011).

Aqui, onde o nosso jovem tropeça? Matemática – tabuada; Redação – não sabe se comunicar, porque desconhece o nosso idioma (O peso da redação, Folha de São Paulo, 19 set. 2011). O Enem mostra que os brasileiros concluem a escola com deficiências básicas – o que lhes subtrai a chance de competir em igualdade de condições com jovens de todo mundo (*É preciso preencher a cabeça deles*, Veja, Ed. 2235, Ano 44, n. 38, 21 set. 2011).

Houve um avanço da ciência, mas não da maneira usada pelos políticos (*O avanço da ciência brasileira*, Veja, Ed. 2208, Ano 44, n. 11, 16 mar. 2011). Um dos fatores que contribuíram para o aumento de artigos brasileiros publicados em revistas (De 64mil – 2000 a 2004, para 118mil – 2005 a 2009) foi o aumento do número de revistas científicas indexadas nas bases de dados em razão da concorrência entre as bases da Thomson Reuters e Scopus. Quando se há um aumento de informações dentro de uma base de dados, a visibilidade aumenta.

Destacou a opinião de Leandro Pereira Martins (em 25 mar. 2011), sobre a valorização da pesquisa no Brasil, em que ele comenta que os pesquisadores brasileiros fazem, com incentivo governamental, pesquisa de interesse de outros países, para poder publicar em revistas estrangeiras (são as mais qualificadas), já que o número de artigos publicados em revistas “qualificadas” é um dos mais importantes indicadores de qualidade dos grupos de pesquisa utilizado pelo MEC e a CAPES (que influenciam o CNPq e a FINEP). Daí o sucesso que fazem nossos pesquisadores nos centros de pesquisas internacionais. Quando o governo começar a incentivar a pesquisa tecnológica e os grupos que trabalham na resolução de problemas brasileiros poderá ter uma significativa mudança no grau de eficácia (para o Brasil) das pesquisas financiadas pelo povo brasileiro.

A produção científica explodiu nos últimos tempos; o dia continua tendo 24 horas – o tempo é cruel; que ferramentas devemos usar para nos manter atualizados? a educação continuada deve ser feita de tempos em tempos (cursos) ou diariamente? O desafio está em discussão!

Teremos competência para fazer esta revolução sozinhos? No século 20 o Brasil recebeu os imigrantes da fome (italianos, alemães, japoneses, chineses, libaneses, etc.). Em geral fugiam da guerra, da fome, do frio – queriam “fazer a América”. Eles tinham “cultura e conhecimento”, mas não diplomas. No século 21 o Brasil está recebendo os imigrantes do “diploma”. No momento, no contexto globalizado, o nosso país passa a ser o país das oportunidades. Teremos condições de competir?

2.1 PERGUNTAS E COMENTÁRIOS

Iara Conceição Bittencourt Neves, professora no Curso de Biblioteconomia UFRGS/Porto Alegre - Como o Sr. vê a contribuição do bibliotecário neste contexto tão complexo e cada vez mais difícil de trabalhar?

Barraviera - A carreira do bibliotecário mudou muito nos últimos anos. Tem gente que acha que não precisa mais de biblioteca, o aluno não precisa mais ir neste ambiente. Toda esta mudança eletrônica que aconteceu, de não se ter mais o impresso como foco central na biblioteca, o bibliotecário tem o papel mais importante, trabalhoso e complexo, de organizar estas informações eletrônicas, porque dentro desta massa de conhecimento, como encontrar informações? É preciso mudar os comportamentos.

Narcisa de Fátima Amboni, diretora da Biblioteca Universitária da UFSC – O papel do bibliotecário vai além da organização. O bibliotecário participa do processo de comunicação científica, que vai desde a concepção da idéia até a difusão. A biblioteca deixou de ser uma caixinha de armazenar livros, o bibliotecário tem que estar junto dos grupos de pesquisa. O que o professor esta pesquisando? Quais as formas de pesquisa? a biblioteca não é suporte, é processo. Estava lendo um artigo do Roberto da Matta, e ele estava abordando a questão da burocracia. Como se faz ciência no Brasil com tanta burocracia nas universidades? Se não montar um processo de forma correta, para comprar qualquer produto leva de seis, nove meses a um ano. O que as universidades poderiam fazer para desenvolver ciência sem passar necessariamente pela burocracia?

Barraviera – Esta é uma questão cultural não vejo solução para isso.

Nêmora Arlindo, presidente do Conselho Federal de Biblioteconomia – Durante minha dissertação de mestrado, na linha da comunicação científica, estudei o currículo Lattes dos pesquisadores e constatei que alguns fracionam o mesmo artigo em vários outros para gerar um número. Precisaríamos mudar a forma de avaliar a ciência no Brasil. As pesquisas na sua maioria são realizadas nas instituições públicas, e como os recursos financeiros vão para quem tem mais produção/publicação, muitas pessoas que teriam condições intelectuais e não meios para isso acabam ficando de fora. É possível que consigamos ter em algum momento um tipo de indicador que valorize a produção com as características que temos no Brasil, pelo menos para a aquisição de recursos de fomento à pesquisa?

Barraviera – Este é um problema sério. No Brasil temos um indicador que é o Qualis. Os pesquisadores tentam não publicar em revistas de baixo impacto para o Fator H crescer e obter mais recursos, aí vem às fraudes. No Qualis existe muita heterogeneidade. Tem áreas que reclassificam as revistas que não tem condições nem de estar na Scielo e que estão no Top da Capes. Estes indivíduos fazem ciência para eles mesmos. Isso terá um reflexo futuro, não há competitividade. O individuo fraudula resultados para se manter no Top e administrar recursos. Seriedade leva 20, 30 anos para construir.

Prof. Dr. Divino Ignácio Ribeiro Jr, UDESC - De que maneira os alunos durante a graduação, na iniciação científica, podem buscar formar este censo crítico a respeito deste sistema de ciência e tecnologia atual a qual estamos sujeito?

Barraviera – A iniciação científica para o aluno é extremamente importante. A melhor maneira de fazer o aluno se tornar um cidadão é você dar o exemplo, esta é a única maneira de influenciar pessoas. Existe o problema da geração atual. Há trinta anos vivíamos a geração sem palavras. Hoje vivemos a geração sem boca. A geração do computador, Facebook, Twiter, Internet, não interage com ninguém, a universidade não é problema deles. Está faltando lideranças neste país.

Lais Cristina Paggi, SESI/SC - O investimento privado na publicação científica não desafogaria um pouco esta produção desenfreada, selecionaria um pouco melhor o que esta sendo publicado?

Barraviera – Não tenho nada contra empresas desde que se respeitem os conflitos de interesse. Tem que se tomar cuidado com os conflitos de interesse.

Narcisa parabenizou e agradeceu o Prof. Barraviera, e concluiu o debate citando Steve Jobs “vamos seguir pensando diferente e continuar com fome, do interesse e do aprendizado”.

3 MESA REDONDA: “A produção científica nas universidades: visão, participação e contribuição dos profissionais da informação”.

Mediadora: Profª Sonali Paula Molin Bedin

Debatedoras: Profª. Dra. Márcia Silveira Kroeff, DBI/FAED/UDESC e Profª Dra. Rosângela Schwarz Rodrigues, UFSC

A Profª. Dra. Márcia Silveira Kroeff, falou sobre a produção e veiculação do conhecimento científico. Ressaltou as instituições de ensino superior e pós-graduação como agentes produtores de ciência no Brasil. No Brasil cerca de 90% do conhecimento científico produzido provêm das Instituições de Ensino Superior (principalmente das universidades públicas / cursos de pós-graduação). Fez uma breve contextualização histórica sobre a Pós-Graduação no Brasil, que teve seu início na década de 60. Na década de 70 houve uma proliferação dos cursos de pós-graduação. Surgiu o primeiro Plano Nacional da Pós-Graduação (PNPG), cujo objetivo fundamental era transformar as universidades em centros de atividades criativas permanentes. Deu-se prioridade à capacitação docente das universidades e a necessidade de integração das atividades da pós-graduação dentro da própria universidade. Aos poucos professores de mestrado foram incentivados a cursar o doutorado (exterior). Ao retornar os professores deveriam multiplicar o conhecimento nos poucos cursos de mestrado. Nesta época, iniciou-se a elite intelectual brasileira, os professores bons que se tem até hoje como líderes em grupo de pesquisa ainda são fruto desta época.

Abordou o conhecimento científico destacando que a ciência não é algo pronto, acabado ou definitivo, é um processo em construção. O conhecimento científico vai além do empírico, conhece o fenômeno suas causas e leis. Ressaltou como se dá o processo de criação

e veiculação deste conhecimento ilustrando com o ciclo de informação na pesquisa (também chamado de Ciclo de Jordan). O começo da pesquisa inicia-se na racionalização do pesquisador, quando ele começa pensar no assunto a ser trabalhado até conseguir chegar nos resultados de sua pesquisa, podendo recorrer a diversas fontes: unidades de informação, bases de dados, publicações eletrônicas online, catálogos automatizados, colégios invisíveis. Depois do trabalho pronto é preciso comunicar, veicular, divulgar, publicar, apresentar.

Destacou como se dá a veiculação do conhecimento científico, o sistema de comunicação científica. Enfatizou que o resultado do trabalho intelectual dos pesquisadores é comunicado, geralmente, por meio de algum tipo de publicação. Idéias, descobertas, dados e opiniões são registrados na forma de artigos de periódicos, trabalhos de congressos, relatórios técnicos e, divulgados, passam ao domínio público. O conjunto desses registros vai formar a chamada literatura científica. Este é o que chamou de lado clean da produção científica bonito pratico e eficiente, onde pesquisamos para publicar e fazer a ciência crescer.

O lado dark da produção científica é a demasiada importância da publicação em detrimento de outras atividades de ensino. Fator de exibicionismo, vaidades, fator de exclusão entre pares, fator de estresse, competição, disputa, guerra. Concluiu ressaltando que Sócrates levou cerca de 10 anos para escrever “A REPÚBLICA” (380 ac – 370 ac); Maquiavel levou cerca de 5 anos para escrever “O PRÍNCIPE” (terminado em 1513). Eles são improdutivos segundo critérios da CAPES!

A Profa Dra. Rosângela Schwarz Rodrigues falou sobre a produção científica nas universidades: visão, participação e contribuição dos profissionais da informação. Enfatizou que o conhecimento tem papel central no desenvolvimento socioeconômico dos países. A ciência necessita de um sistema de comunicação próprio, pois a base dos avanços científicos é a publicação dos resultados das pesquisas. As pessoas precisam falar umas com as outras. Os periódicos científicos são o principal canal em que ocorre o diálogo entre os pesquisadores e o principal indicador de que o debate está ocorrendo de forma estruturada. A existência de periódicos científicos de alta qualidade é um indicador do desenvolvimento de uma área do conhecimento. Os recursos tecnológicos facilitam o acesso ao conhecimento científico, uma vez que minimizam as barreiras geográficas e de tempo. Pesquisas que passaram pelo processo de avaliação de pares, e em Acesso Aberto implicam necessariamente em alcance global, interferindo na própria estrutura dos periódicos. Enquanto nos EUA e em alguns países da Europa o Acesso Aberto tem sido impulsionado pelo aumento nos preços dos periódicos as motivações na América Latina têm sido diferente e levado à sua ampla adoção, uma vez que a questão principal é atender a falta de periódicos, e não apenas reagir ao custo elevado das publicações. Na América Latina e nos países da chamada “periferia” está acontecendo a formação de uma rede editorial científica em Acesso Aberto sob a liderança das universidades e instituições de pesquisa. A distribuição dos periódicos em Acesso Aberto em relação ao total de títulos disponíveis varia de acordo com a estrutura da comunicação científica dos países e das diferentes áreas do conhecimento. No Brasil têm-se duas grandes iniciativas: o Scielo, da FAPESP e o SEER, do IBICT. O Scielo Brasil tem 238 periódicos selecionados entre os mais importantes do país com uma série de recursos: estatísticas, análise de citação, DOI, etc. O SEER tem 1.615 periódicos no Brasil, desde indexados no ISI até títulos experimentais.

Qual o desafio para os profissionais da informação? A existência de bons periódicos depende de profissionais da informação, o cenário global não comporta amadores. A

internacionalização é uma tendência em todas as áreas, o domínio de idiomas é cada vez mais essencial. Da mesma forma que os nossos pesquisadores estão sendo convidados a publicar em periódicos internacionais os outros pesquisadores também vão começar a publicar no Brasil cada vez mais. O uso das tecnologias, cada vez mais complexas, vai interferir no desempenho dos títulos. Se o periódico não está bem indexado, cai o índice de citação do autor, e ele não envia mais trabalhos para aquele periódico. Para manter este canal funcionando tem que se preocupar com tudo isso. Em última instância o editor é o responsável, ele é o guardião do conhecimento de sua área. Profissionais da informação, especializados em editoração científica serão essenciais para permitir que mais periódicos atendam os critérios do Scielo e para depurar a população do SEER. Os editores, principalmente de periódicos novos, não têm idéia clara da complexidade de um título de qualidade, é papel do profissional da informação, que passa a gerenciar uma coleção de periódicos nas instituições.

Destacou algumas tendências na editoração de publicações científicas: desenvolvimento de novas funcionalidades nas plataformas; maior rigor nas indexações (processo seletivo); autores internacionais; interoperabilidade cada vez mais sofisticada; e agrupamento em portais.

3.1 PERGUNTAS E COMENTÁRIOS

Pergunta 1 - Há uma centralização das pesquisas em instituições públicas, mas os recursos também não saem dos fomentadores para os institutos de pesquisa privados. Qual a opinião em relação aos institutos de pesquisa privados que não estão ligados a universidades e, portanto não tem esta obrigatoriedade do ensino, não poderiam desonerar o peso do professor? O ensino é uma exigência importante precisamos de formação, de professores que ensinem, e não que estejam com outras preocupações. E, com relação aos eventos científicos, qual a importância (peso) dos anais como publicação científica?

Profª. Dra. Márcia Silveira Kroeff – Os institutos de pesquisas são importantes, mas infelizmente não é realidade no país. Na minha concepção, professor existe para dar aula, não é feio fazer um doutorado para adquirir conhecimento para repassar aos alunos. O professor deveria atualizar-se, capacitar-se, para ensinar e passar aos alunos uma qualidade melhor de ensino. Também poderíamos fazer pesquisa e extensão, como já fazemos. Existem institutos de pesquisa na França, na área de esportes, onde os pesquisadores atuam, criam-se atletas, eles moram nos institutos de pesquisa, ganham bolsa do governo para serem os melhores atletas da França. No Brasil aonde que o professor de educação física vai trabalhar com pesquisa se não for dentro das universidades? Parece que a gente esta brincando de fazer pesquisa, isto frustra, é um processo muito angustiante para o professor. Institutos de pesquisa são importantes, deveriam ter vários, com muita verba do governo, que pudessem abarcar os pesquisadores que quisessem trabalhar só com a pesquisa.

4 MESA REDONDA: “Recursos da Web no armazenamento, produção e difusão da comunicação científica”

Mediador: Prof. Dr. Divino Ignácio Ribeiro Jr. (UDESC)

Debatedoras: Sônia Stropa (Administradora de Empresas e Web Design); Caterina Groppo Pavão (UFRGS) e Andréa Figueiredo Leão Grants (UFSC)

Caterina Groppo Pavão falou sobre a experiência com os repositórios institucionais focando como os profissionais da informação se inserem neste contexto. Ressaltou os dados de um estudo realizado na Nova Zelândia, cujos resultados foram publicados num artigo (pré-print) por Cullen & Chawner (2011). O estudo buscou identificar porque a comunidade acadêmica não dá a devida importância aos repositórios institucionais, porque estes repositórios não decolam, onde está o problema? Por um lado, parece que os RIs têm sido introduzidos com êxito no meio acadêmico e podem realmente fornecer uma solução para as preocupações com o sistema de publicação acadêmica. Entretanto, as evidências de vários estudos mostram que, apesar do considerável investimento por parte das instituições e das bibliotecas acadêmicas, os pesquisadores não mostram o mesmo entusiasmo com o acesso aberto e os RIs. A chave para o sucesso de um repositório é a manutenção da taxa de depósitos e, para conseguir isso, é necessário o engajamento da comunidade acadêmica. Caterina destacou as barreiras que impedem o depósito de documentos nos RIs, bem como as motivações que levam ao depósito. O que tem na Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS de diferencial que faz com que o repositório cresça e tenha demanda para inclusão de novos repositórios e documentos? Se o sucesso dos RIs depende da comunidade acadêmica? O que fazer para conseguir sua colaboração? A UFRGS incentiva o depósito apoiando todas as iniciativas acadêmicas nesse sentido e disponibiliza produtos para avaliação dos conteúdos e visibilidade. Disponibiliza a infraestrutura necessária, tanto na área de informática como de informação, para: elaboração de projetos de RI; definição de metadados apropriados; definição da estrutura (comunidades, subcomunidades, coleções); definição dos campos de busca e filtros; definição do fluxo de depósito; controle de qualidade dos itens incluídos por auto-arquivo; auto-arquivo apenas em casos em que os itens não são incluídos no SABI; apoio das bibliotecas do SBU no registro de toda a produção científica, técnica e artística no SABI; Harvesting interno para evitar o retrabalho; estatísticas de acessos e downloads no Lume - indicador para avaliar o alcance nacional e internacional dos documentos produzidos em um dado período, bem como para planejar novas ações. Enfatizou que o auto-arquivo é a última opção, e pela experiência, ele não funciona, o pesquisador não vai sentar para fazer o auto-arquivamento. Tudo entra pelas bibliotecas, o que não for acervo de biblioteca (museus, patrimônio histórico) entra pelo auto-arquivo. Tem uma equipe que faz o controle de qualidade de todo o depósito de auto-arquivo. O papel do gestor do RI é de mostrar por que se deve utilizar o RI e quais os benefícios. É um trabalho de conscientização. Para estimular o uso e o depósito no RI, a UFRGS criou as estatísticas de acessos e downloads no Lume. A partir de estudos feitos com os pesquisadores da UFRGS se descobriu que eles querem se enxergar no RI. Então, foi elaborado um módulo que mostra as estatísticas de um item resultante de uma consulta por autor, assunto, orientador, área. E também se tem estatísticas gerenciais onde o pesquisador pode fazer comparações dentro da própria universidade, por programas, áreas do conhecimento. As estatísticas é uma medida de visibilidade dos repositórios. Concluiu que não basta criar o RI e esperar a colaboração da comunidade acadêmica, tem-se que dar o suporte e que a participação dos profissionais da informação tem sido essencial para aumentar a credibilidade do acesso aberto e dos RIs.

Acredita-se que o uso e consolidação do Lume na UFRGS podem ser considerados como um fator de estímulo para os autores, no sentido de depositarem seus trabalhos nas bibliotecas e, por conseguinte, no repositório institucional. As orientações e o apoio dos profissionais da informação nas diversas iniciativas da comunidade acadêmica, atendendo suas demandas, tem favorecido o incremento das coleções no Lume.

Andréa Figueiredo Leão Grants (UFSC) falou da experiência com a gestão do Portal de Periódicos da UFSC. Apresentou breve histórico do Portal, os três pilares que pautam as ações da coordenação (visibilidade; padronização; credibilidade), a composição atual da equipe e os objetivos do Portal. Destacou que em 2009 foram criadas as diretrizes do portal de periódicos da UFSC, que são: vínculo institucional com a UFSC; elaboração de um projeto; requisitos OASIS (Portal Brasileiro de Repositório e Periódicos de Acesso Aberto do IBICT); CAPES (recomendações específicas de cada área); Qualis (B ou superior) ou ISI; Licença Creative Commons; adequação a normas ABNT, APA, ISO, MLA, Montreal, Vancouver; e o editor deve ser um usuário cadastrado na BU. Ressaltou a atuação da gestão do portal, que trabalha diretamente com os editores: supervisiona o trabalho dos bolsistas; coordena o processo de migração das revistas; elabora manuais, pré-pareceres, diretrizes, projetos, relatórios; pensa estrategicamente as ações destacando a formação de parcerias (UNISUL); atualização da plataforma, indexação das revistas; interface entre os editores e o Conselho Editorial; interface entre os editores e a manutenção técnica e operacional (SeTIC); planeja novas ações; realiza estudos acerca do preenchimento dos metadados, DOI, interoperabilidade, etc.; coordena listas de discussões (periodicos.ufsc/ SEER-SUL), Twitter, Facebook; organiza e participa de eventos temáticos (I EUSEER, ABEC, Crossref, BIREGAL, PKP); analisa as estatísticas, relatórios; providencia a solicitação dos ISSNs; promove reuniões e capacitações de fluxo contínuo com os editores e bolsistas (Ex: oficinas SEER/OJS; DOI; Indexação em bases de dados nacionais e internacionais; Normalização - ABNT). Informou da elaboração de um e-book que trazem informações sobre as funções editoriais suas respectivas atribuições e responsabilidades além de conter a descrição das etapas referentes às decisões editoriais dos manuscritos. Também informou a adoção do DOI nos artigos de periódicos do Portal, trata-se de um identificador digital, para qualquer objeto de propriedade intelectual. Concluiu que nesse contexto de atuação profissional, o bibliotecário deve alinhar seus conhecimentos teóricos e tecnológicos com ações pautadas na ética profissional, dinamismo, profissionalismo, criatividade e, sobretudo olhar empreendedor.

Sonia Stroba falou sobre as tecnologias e cuidados que se deve ter para gerenciar e dispor de informações. Abordou o impacto da evolução tecnológica e da explosão informacional na humanidade. O que fazer para ser diferente, progredir e tentar acompanhar esta evolução? A humanidade gerou nos últimos 50 anos a mesma quantidade de informação dos 5 mil anos anteriores. Informações são 20% estruturada e 80% não estruturada. Como gerenciar a informação para transformá-la em conhecimento? A forma como acessamos informações mudou, ela está disponível de qualquer lugar. O que temos de tecnologia para o tratamento de toda esta informação. Apresentou o ECM/GED, um conjunto de sistemas e metodologias, para gerenciar informações não estruturadas em qualquer mídia. A tecnologia é uma visão, estratégia, arte, força integradora. O gerenciamento da informação/documentos - *capture* (converter documento analógico, físico), *store* (armazenamento), *deliver*

(distribuição), *preserve* (preservação). É preciso dispor das informações para as pessoas terem acesso com toda a questão de segurança e rastreabilidade. A área pública esta mais a frente da área privada. Daqui a alguns anos terão dois tipos de empresas se não tiver transparência dentro das organizações. As que usam a tecnologia para dispor as informações e as que não existirão mais, pois as pessoas estarão conectadas. Tecnologia não é um mar de rosas, é preciso estar antenado para não ficar brochado na própria tecnologia por conta da obsolescência dela. O back-up, a migração não somente de hardware, mas de software também. Falou sobre a questão da segurança e auditoria, os componentes de acesso e controle da informação, características de autoridade, de direitos digitais. Concluiu destacando os cinco “c” do ECM/GED: Conteúdo - registros eletrônicos e metadados imutável; Colaboração - apoio do processo, negócio, informações; Conformidade - cumprimento de requisitos legais; Continuidade - protegido, rastreável, disponibilidade, acessibilidade; Custos.

4.1 PERGUNTAS E COMENTÁRIOS

Renata Soares Cardoso – aluna da 6ª fase de Biblioteconomia/UDESC. Aluna especial do curso de Arquivologia – CIN/UFSC (4ª fase). Trabalha no arquivo geral – CRECI/SC (11ª Região) - Uma empresa onde, em pouco tempo, está gerando documentos eletrônicos e os imprime, anexando-os aos processos em suporte papel, pode implementar projetos de gestão documental de forma a reconhecer os documentos eletrônicos como documentos autênticos?

Sonia Stroba – Hoje as empresas já fazem a escrituração dos livros de forma digital para a secretaria da fazenda. Para emitir uma nota fiscal que hoje já é eletrônica tem-se que ter uma chave digital para que o computador possa fazer a identificação. Não tem tecnologia se não tiver um processo definido previamente. A digitalização de um documento não substitui o documento original, ele deve ser preservado.

David Matos Milhomens - Como se deu o processo de implantação das estatísticas do repositório institucional da UFRGS?

Caterina Groposo Pavão – Foi feito um trabalho baseado na minha dissertação de mestrado onde entrevistei diversos profissionais, cientistas de várias áreas. Posteriormente foi implementado no DSpace. Se tudo der certo no próximo Colóquio Luso-Brasileiro de Acesso Aberto, em novembro, vamos disponibilizar para quem quiser usar, alterar, acrescentar.

Prof. Dr. Divino Ignácio Ribeiro Jr. – Quais as dificuldades de gestão da plataforma tecnológica do DSpace, já que foi bem customizada pelo Lume? A política institucional está disponível de forma a facilitar a criação de novas iniciativas, isto é possível?

Caterina Groposo Pavão – Em 2006 começamos estudando o repositório da Unicamp, mas como tínhamos outros tipos de documentos, como teses e dissertações, que possuíam vídeo, áudio e imagem e queríamos disponibilizar estes materiais também, não tínhamos suporte para este tipo de material. Tivemos que achar analistas e programadores que se interessassem por este tipo de trabalho. Temos um analista e um programador que trabalham em sistemas de bibliotecas há mais de 20 anos. Conseguimos encontrar um bolsista da escola técnica que se

interessou por desenvolver e estudar o DSpace. A partir disso, começamos a estudar e entender melhor o DSpace. Conseguimos manter uma equipe interessada em desenvolvimento do DSpace, mas temos dificuldade com os bolsistas, pois eles entram e saem rapidamente. A vantagem é ter gente do quadro efetivo da universidade trabalhando e desenvolvendo em cima disso. Um dos problemas que enfrentamos por ter customizado demais o DSpace é que a migração para outra versão, dará muito trabalho. Mas, optamos por customizar, porque temos equipe para fazer isso. Foi da mesma forma com o Aleph (software que gerencia o acervo do Sistema de Bibliotecas da UFRGS). Outra coisa é que estamos reformulando toda a página do RI em função dessas necessidades de repositórios que estão surgindo. Temos o RI, mas temos que identificar o que é um repositório científico, de informações artísticas, museu, rádio. Certamente os documentos políticos são disponibilizados para que outras instituições possam utilizar. Acredito que estas políticas não variam muito de instituição para instituição. As políticas servem para nos reportarmos à ela para ter apoio da universidade, da comunidade acadêmica, mas não são elas que fazem o repositório funcionar.

Prof. Dr. Divino Ignácio Ribeiro Jr. - O papel da incubadora de periódicos contribui para a visibilidade dos periódicos na instituição?

Andréa Figueiredo Leão Grants – Existe uma demanda dentro da universidade pela indexação dos periódicos científicos. Então, foi criada a incubadora para o fortalecimento destas revistas, onde elas ficam por um tempo. A incubadora fica sob a coordenação do Departamento de Ciência da Informação. É utilizado o mesmo software do Portal e possibilita o editor ajustar-se aos padrões. Na próxima semana iniciaremos o trabalho de transição da primeira revista que passou por este processo. Da incubadora para o Portal.

Prof. Dr. Benedito Barraviera – Como você vê o futuro da prestação de contas, onde hoje é exigido, em instituições públicas, que a nota fiscal esteja com o carimbo de recebimento e assinada.

Sonia Stroba – A questão cultural é um entrave na área tecnológica, às vezes tem todo o processo eletrônico, a assinatura digital, mas é exigido o papel. Tem pessoas das mais variadas idades, gente com idade média superior tentando entrar no mundo digital, assim como as crianças. Esta resistência vem da cultura das pessoas e este é o fator de maior problema.

Encerrou-se o debate e abriu-se espaço para os patrocinadores Biccateca e EBSCO apresentarem seus produtos e serviços e fez-se um intervalo.

5 MESA REDONDA: “Entidades de classe e associativas: desafios e perspectivas para a organização dos bibliotecários”

Mediadora: Marchelly Pereira Porto, secretária ACB-SC

Debatedoras: Osias do Rosário, presidente da ACB-SC; Nêmora Arlindo, presidente do Conselho Federal de Biblioteconomia (CFB); Ana Lúcia Zaia Costa, presidente do Conselho Regional de Biblioteconomia -14ª Região e Miriam de Cássia do Carmo Mascarenhas Mattos, presidente do Sindicato dos Bibliotecários do Estado de Santa Catarina (SindBiblio/SC)

Nêmora Arlindo falou sobre a diversidade nos estados brasileiros dos conselhos, associações e sindicatos, em função do número de profissionais. Destacou que o CFB é pequeno e busca estrategicamente se reunir com os conselhos das profissões que tem mais tempo e mais profissionais para reunir forças e ter respaldo nas lutas. Falou sobre a atuação do CFB no monitoramento e fiscalização constante em função da ameaça da desregulamentação das profissões. A inserção de profissionais estrangeiros no Brasil é uma realidade, não existe mais a barreira do idioma. O que impede que profissionais estrangeiros tomem o lugar dos brasileiros é a regulamentação da profissão. Exemplificou alguns casos de experiência fundamentada de fiscalização que o CFB tem realizado (Cervantes, por exemplo). Destacou que existe um risco da profissão se tornar de nível médio, como se tem observado nos concursos, pela exigência de baixa escolaridade, e salários inferiores. Ressaltou que este é um ano de eleição para os CRBs e no próximo ano será a vez do CFB e há uma dificuldade de encontrar profissionais interessados, engajados e comprometidos, para continuar estas lutas *“as pessoas precisam acordar, elas sabem que tem alguém trabalhando e se acomodam, precisamos motivar as pessoas para se envolverem nesse trabalho entenderem as ameaças”*, concluiu.

Osias do Rosário apresentou um breve histórico sobre a fundação da ACB-SC, sua missão, visão e objetivos, sua composição atual e os produtos e serviços realizados (Revista ACB, palestras, cursos de formação, etc...). Ressaltou que é um desafio atuar amplamente em todas as regiões do estado de SC, há uma dificuldade para estar em todos os lugares. Concluiu que o movimento associativo de forma geral, em todas as profissões, passa por uma crise, a ACB-SC atualmente conta com apenas 30 sócios ativos.

Miriam de Cássia do Carmo Mascarenhas Mattos fez um breve histórico da discussão que levou a criação do Sindicato dos Bibliotecários em Santa Catarina. Destacou que o sindicato está criado oficialmente, porém ainda estão aguardando a carta sindical. Ressaltou que SC está dando este passo, porque ainda tem voluntariado, destacou a importante participação da ACB-SC neste processo de criação do Sindicato. Enfatizou as maiores dificuldades na criação de um sindicato: questão financeira, assessoria jurídica, filiação x contribuição sindical, pouca participação. Questionou por que as pessoas não se filiam as entidades associativas; por que não participam das reuniões; por que num evento como o painel, se está em minoria. *“A gente peca numa coisa: formação política. Se nós como bibliotecários não nos atentarmos que precisamos fazer política perderemos espaço”*. Concluiu que é preciso fazer um pacto de fortalecimento das três entidades associativas em SC, para ter-se mais governabilidade sobre as ações que são direcionadas. *“O melhor caminho para o fortalecimento é uma formação política, é continuar insistindo. Pode ser que o SindBiblio*

não se concretize em SC? Pode, porque uma hora cansa. O Painel acontece, porque a diretoria da ACB-SC se mexe”.

Ana Lúcia Zaia Costa enfatizou que o CRB vai trabalhar junto das demais entidades no que for possível. Destacou que o CRB vem trabalhando no reconhecimento do profissional no estado de SC, *“o conselho fiscaliza os profissionais, com isso conseguimos abrir muitos concursos e fiscalizar os cursos técnicos em Biblioteconomia”*. Exemplificou algumas lutas que o CRB tem enfrentado em sua atuação. *“Na hora de trabalhar, ninguém quer, é muito fácil falar mal. A gente faz um trabalho voluntário, tem que ter muito amor a camisa”*.

5.1 PERGUNTAS E COMENTÁRIOS

Pergunta 1 - O que deve ser feito para trazer os profissionais para as associações?

Marchelly Pereira Porto – Existe uma grande dificuldade de mobilizar as pessoas, o esforço da diretoria em trazer novos associados e manter esta entidade é justamente através destes painéis, destes eventos com os acadêmicos e profissionais.

Kátia Maria Costa, bibliotecária rede municipal de Brusque – As pessoas tem esta visão de que não gostam política, mas fizemos políticas em todos os lugares e em todos os dias, esta visão tem que ser passada para as pessoas.

Iara Conceição Bittencourt Neves, professora no Curso de Biblioteconomia UFRGS/Porto Alegre – “O problema é a vontade das pessoas que desapareceu, esta dispersão leva a esta situação caótica, que bom que temos aqui estudantes, pois eles são nossa força propulsora. Nós acreditamos na profissão e quem acredita faz, e é uma profissão maravilhosa, costume dizer que somos polvos, cada tentáculo é uma área que podemos atuar”. Sugeriu o tema para o próximo Painel de Biblioteconomia: os espaços profissionais do bibliotecário, convergências e divergências com profissionais da área da informação e comunicação. Destacou que o Sindicato no RS não vigorou, porque ninguém quis assumir de fato. E desde 1982, época da discussão, não se falou mais nisso. “Santa Catarina, não desistam, sigam em frente. Desejo muita força, fé e teimosia. É difícil, mas não é impossível. Questionem seus colegas, porque daqui a pouco, se desregulamentarem a profissão, e quando cairmos todos na ‘vala comum’ e enfrentar a competitividade de qualquer um, tenho certeza de que todos virão bater na porta dos conselhos, das associações e dos sindicatos, cobrando por que não os defenderam, mas eles estão aqui para serem defendidos?”

Foram realizados mais alguns comentários e encerrou-se a discussão.

6 APRESENTAÇÃO DE TRABALHOS

Mediadora: Roberta Moraes de Bem, Me. (Bibliotecária, UFSC, Florianópolis/SC)

6.1 BANCO INTERNACIONAL DE OBJETOS EDUCACIONAIS: um relato de experiência do Projeto ODIN

Autores: Sibila Francine Tengaten Binotto; Marcus Vinícius de Azevedo Basso.

Apresentação: Sibila Francine Tengaten Binotto

Apresentou as organizações responsáveis pela criação do BANCO INTERNACIONAL DE OBJETOS EDUCACIONAIS (BIOE), um repositório criado em 2008, cujo objetivo é catalogar, avaliar e disponibilizar objetos educacionais digitais elaborados em diversas mídias nas áreas de conhecimento previstas pela educação infantil, básica, profissional e superior de qualquer Instituição.

Destacou as Instituições de Ensino Superior (IES), no Brasil, que participam do projeto atualmente, dentre elas a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) que participa com o projeto ODIN. Ressaltou que o projeto ODIN é do Instituto de Matemática da UFRGS, e visa a catalogação de objetos educacionais da temática matemática.

Neste projeto, há uma meta a ser cumprida de 1.000 objetos, sendo 200 em língua estrangeira. A equipe é composta por 18 pessoas: 7 alunos de pós-graduação, um doutorando (Filosofia da Ciência), 6 mestrandos (5 Ensino de Matemática, 1 Letras); 9 graduandos (8 Licenciatura Matemática e 1 Matemática Aplicada); 1 especialista (Ciência da Informação); 1 mestre (Educação); 1 doutor (Informática na Educação); sendo o professor coordenador Marcus Vinicius de Azevedo Basso responsável pelo Projeto na UFRGS. Dentre os participantes do BIOE estão os catalogadores, avaliadores, comitê e o administrador, cada qual com uma tarefa específica, de acordo com suas qualificações.

Afim de que o grupo se organizasse melhor e para que os objetos inseridos no banco não fossem rejeitados, criou-se um formulário paralelo ao BIOE chamado de GODIN (Gerenciamento de Objetos Digitais Interativos). O formulário permite: ao catalogador a mudança de status em edição, avaliar, finalizar, enviar, aceitar, rejeitar e cancelar; ao avaliador que insira comentários durante a avaliação; que se gere a estatística de objetos aceitos e ou rejeitados; que se cadastre e visualize novas idéias para novos objetos, com a possibilidade de “abraçá-las”.

Algumas considerações sobre o projeto ODIN: além dos objetos em espanhol também são cadastrados objetos em inglês; o projeto iniciou em 2009; muitos objetos enviados ao BIOE pelo grupo são criados no Instituto de Matemática, e outros são negociados a licença para catalogação, com outras Instituições; nem todos objetos enviados para avaliação são aceitos, os motivos vão desde objetos ruins, objeto sem interatividade, falhas na execução nos objetos, etc.

Concluiu que o BIOE é uma importante fonte de informação especialmente para quem trabalha em biblioteca escolar, pois possui objetos educacionais confiáveis e de qualidade.

Pergunta 1 - Você mostrou as responsabilidades de cada membro do grupo e a catalogação quem realiza são os bolsistas de matemática. Como foi esta orientação para eles de uma atividade que é muito própria da nossa profissão?

Sibila - Houve um treinamento pelo Ministério da Educação (MEC) e os professores solicitaram que os alunos do curso fizessem esta catalogação. Então, as bibliotecárias orientaram nesta tarefa, disponibilizando manuais também. É possível o professor trabalhar com este objeto em sala de aula, inclusive. A catalogação é bem simples, são poucos metadados e a gente confere. O que é revisado muito são as palavras-chaves. Não tem tesouro, vocabulário controlado, este é um grande problema no meu ponto de vista e parece-me que terá uma reunião com o MEC sobre isso.

6.2 DISSEMINANDO A IGUALDADE: um balanço da Biblioteca de Referência sobre Diversidade Cultural – BRDC/NEAB/UDESC (2009/2010)

Autores: Graziela dos Santos Lima; Paulino de Jesus Francisco Cardoso

Apresentação: Graziela dos Santos Lima

Apresentou os programas e os projetos atuais do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (NEAB-UDESC), laboratório acadêmico que se organiza e se mobiliza por valores caros aos movimentos sociais em nosso país: o respeito à diversidade, a luta pela igualdade, o compromisso com aqueles que têm fome e sede de justiça.

Destacou que por ação de diferentes estudantes de biblioteconomia, o Núcleo foi transformado em uma unidade de informação diferenciada. Nela, aquilo que os estudantes aprendem no Curso de Biblioteconomia da UDESC, torna-se parâmetro de organização do núcleo. Algumas ações realizadas: planejamento estratégico anual, sucedidos por duas avaliações semestrais; política de desenvolvimento de coleções para orientar a aquisição, armazenamento e descarte do acervo bibliográfico; tabela de temporalidade para facilitar a gestão dos arquivos de documentos; regimento interno para nortear o funcionamento do núcleo.

Ressaltou algumas experiências de trabalho entre 2009 e 2010, enquanto unidade de informação, os esforços para produzir e disseminar conteúdos sobre a temática da Diversidade Cultural, em especial dos Estudos Africanos e Afro-Brasileiros em Santa Catarina.

Foi criada a Biblioteca de Referência sobre Diversidade Cultural (BRDC) especializada em materiais impressos e digitais referente aos aspectos histórico-culturais, socioeconômicos e educacionais dos africanos e afro-descendentes no Brasil e em Santa Catarina, que tem por missão disseminar a informação referente à temática africana e afro-brasileira. Público atendido: estudantes, professores/as, pesquisadores/as e a comunidade em geral. As primeiras fontes de informação a serem disponibilizados na BRDC foram os materiais desenvolvidos pelo grupo de pesquisa Multiculturalismo. Muitos destes estudos produziram um acervo de fontes provenientes do Arquivo Municipal de Florianópolis, Arquivo Estadual de Santa Catarina, Arquivo do Tribunal de Justiça de Santa Catarina, nos cartórios Kotzias e Luz e no Arquivo da Cúria Metropolitana de Florianópolis, bem como, na Biblioteca Pública Estadual de Santa Catarina.

No primeiro semestre de 2010, a BRDC adquiriu, por meio de vários projetos, livros referentes à temática africana e afro-brasileira. As aquisições serviram para suprir a

deficiência de bibliografias relacionadas às disciplinas de História da África (Graduação em História) e Multiculturalismo, Quotidiano e História (Pós-Graduação em História), bem como, dos Grupos de Estudos de História da África, Experiências Africanas no Pós-Abolição e Diversidade Etnorracial na Educação.

Foram realizadas oficinas em diversas escolas, especificamente da rede pública, muitas vezes solicitadas por professores/as, alunos/as do curso de pedagogia no período de estágio, com a intenção de suprimir eventuais dúvidas em torno do tema proposto.

Concluiu que a BRDC demonstra a importância de investimentos e financiamento nas áreas de ensino, pesquisa e extensão em universidades públicas brasileiras. Aparentemente de interesse de docentes e discentes do Curso de Biblioteconomia, conseguiu-se ao longo do tempo, desenvolver atividades focadas na disseminação da informação, produzidas por pessoas de diferentes áreas.

6.3 IMPLEMENTAÇÃO DO RI FURG: uma visão através do catálogo decisório de autores

Autores: Elisângela Mota Pires; Maria Helena Machado Moraes; Tatiane Priscila Pinto Corrêa; Angélica Conceição Dias Miranda

Apresentação: Elisângela Mota Pires

Introduziu dizendo que a internet oferece hoje muita informação desorganizada, e que é necessário ter sistemas que gerenciem estas informações, e os repositórios institucionais vem com esta finalidade de reunir e organizar a informação. Os repositórios institucionais são ferramentas que visam preservar a memória da instituição e disseminá-la para a comunidade acadêmica e a sociedade em geral.

Ressaltou que o Repositório Institucional da Universidade Federal do Rio Grande (RI – FURG) encontra-se no processo de auto-arquivamento da produção intelectual. De acordo com a política adotada, decidiu-se que toda produção técnico-científica seria depositada no RI-FURG. A produção de acesso aberto é disponibilizada na íntegra e as de acesso restrito, somente a referência. Decidiu-se que somente seriam depositadas publicações técnico-científicas avaliadas pelos pares.

Destacou que no decorrer do processo de alimentação do RI, utilizando a Plataforma Lattes, observaram-se inconsistências nas citações bibliográficas para a entrada de autoria, alguns autores apresentaram até quatro formas de apresentação.

A partir da reflexão sobre a importância de ter um catálogo decisório de autoridade na implementação do RI – FURG criou-se uma metodologia composta de três etapas: 1) estrutura da FURG (Decisão unidade piloto); 2) cadastro de servidores; 3) pesquisa na Plataforma Lattes; no Código de Catalogação Anglo Americano - AACR2; análise empírica das entradas de autores em outros repositórios. Utilizando esta metodologia foi criado um catálogo decisório de autoridade, especificamente para o RI – FURG. Tal catálogo pode ser entendido como uma lista de observações ou decisões tomadas à respeito do funcionamento de determinado serviço. O catálogo decisório de autoridade visa registrar as decisões relacionadas aos metadados de autoria, importante processo para a recuperação das informações contidas sobre determinado pesquisador.

Concluiu que com a utilização do catálogo de autoridade a equipe que atua na revisão dos depósitos tem um guia de orientação para a padronização e que a adoção do AACR2, um modelo de padronização de autoria internacional, diminui as disparidades de padrões e

normas. O profissional da Ciência da Informação tem muitas contribuições à dar aos RIs, pois é o profissional que detém os conhecimentos técnicos que auxiliam para uma melhor organização da estrutura do RI, possibilitando a indexação em diretórios e provedores de dados internacionais, ampliando a visibilidade da ferramenta.

Pergunta 1 – O projeto nasceu no Curso de Biblioteconomia? Quais as principais dificuldades para a manutenção do repositório?

Elisângela - Foi iniciativa do curso, os alunos entraram como estagiários no repositório. A maior dificuldade é que não se consegue encontrar toda a produção dos professores, embora o depósito seja uma obrigação, de acordo com a política educacional, nem todos disponibilizam. Além disso, têm-se problemas com a informática, programação, design.

Roberta Moraes de Bem, Me. (Bibliotecária, UFSC, Florianópolis/SC) – Você mencionou que os bolsistas é que fazem a catalogação e inserem os conteúdos, mas a ideia inicial é auto-arquivamento?

Elisângela – A ideia inicial é auto-arquivamento. Mas, iniciamos o processo de inclusão para termos o que mostrar aos professores, dar visibilidade ao trabalho do pesquisador. A universidade é grande, não conseguimos ter acesso a todos, então, começamos este trabalho, mas ao longo do processo esta responsabilidade será transferida para os professores.

6.4 OFICINAS DE CAPACITAÇÃO PARA ACESSO À INFORMAÇÃO CIENTÍFICA: uma experiência no Senac de Florianópolis/SC

Autores: Daniela Spudeit; Mairla P. Pires Costa; Jorge M. Kroll Prado

Apresentação: Mairla P. Pires Costa; Jorge M. Kroll Prado

Apresentaram os resultados de um estudo quantitativo que objetivou verificar a satisfação dos clientes em relação aos serviços prestados pela biblioteca e identificar novos serviços para serem prestados/aperfeiçoados, dentre eles as Oficinas de Capacitação. Foi aplicado um questionário nos meses de abril e maio de 2010 com 162 pessoas. Resultados: necessidade de oficinas para capacitar os alunos em assuntos interdisciplinares (oratória, excel, elaboração de artigos científicos e pesquisas na internet, formatação de trabalhos acadêmicos, etc); necessidade de orientar os alunos na pesquisa (Software Pergamum), utilização das ferramentas e estratégias de busca, apresentar fontes de informação confiáveis disponíveis na íntegra na Web como banco de teses e dissertações, portais de periódicos, bases de dados (livres e pagas), oportunizando que o aluno do Senac conheça fontes científicas de informação e desenvolva sua competência informacional.

Destacaram a metodologia utilizada nas Oficinas de Capacitação oferecidas pela Biblioteca Universitária da Faculdade Senac Florianópolis. Tais oficinas compõem a grade de atividades de extensão da Faculdade Senac Florianópolis e são organizadas pela Biblioteca; são expositivas-dialogadas e ocorrem aos sábados pela manhã, algumas são ministradas pela equipe da biblioteca e em outras são contratados professores da própria instituição; cada oficina possui carga horária de quatro horas e todos recebem certificados de participação, sendo que a quantidade máxima de inscritos é de 30 alunos em cada oficina; nas oficinas são

tratados temáticas como: técnicas de estudo e memorização, leitura dinâmica e interpretação, técnicas de oratória para apresentação de trabalhos acadêmicos, formatação de trabalhos de acordo com normas ABNT, novo acordo da língua portuguesa, elaboração de artigo científico, pesquisa acadêmica na internet.

As oficinas promovem o desenvolvimento da escrita, da oratória e todas as suas coadjuvantes que contribuem com a formação acadêmica e principalmente auxiliam o aluno a desenvolver competências informacionais. Por tratar de assuntos interdisciplinares abordados em sala de aula e necessários para o aprimoramento de conteúdo e habilidades nos cursos, as oficinas aproximaram os alunos e docentes da biblioteca fazendo com que ela seja reconhecida na instituição como ‘extensão da sala de aula’ contribuindo efetivamente com o processo de ensino e aprendizagem.

Concluíram que os bibliotecários devem atuar na mediação e no desenvolvimento de ações que visem a competência informacional dos usuários perante o crescente volume de informação disponibilizado na web.

David Matos Milhomens – Como é feita esta divulgação entre a comunidade acadêmica? Pensam em abrir para a comunidade externa também?

Mairla – Atualmente as oficinas são oferecidas somente aos alunos do SENAC. Primeiro é feito um planejamento semestral das oficinas, conversado com os professores, depois a equipe de marketing faz os folders, divulga pelo Twitter, intranet, MSN, no balcão de empréstimo da biblioteca.

Roberta Moraes de Bem, Me. (Bibliotecária, UFSC, Florianópolis/SC) – Na UFSC também são oferecidas várias modalidades de oficinas, por demanda e por ofertas, ou seja, as solicitadas pelos professores e outras que são oferecidas pela biblioteca. Esta questão da capacitação e da formação da competência informacional é para onde estão caminhando os profissionais da nossa área.

6.5 A INTERAÇÃO COM O ENTREVISTADO NA COLETA DE NARRATIVAS PARA A COMPOSIÇÃO DO DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO: vivências de pesquisadora

Autores: Ana Claudia Perpétuo de Oliveira da Silva

Apresentação: Ana Claudia Perpétuo de Oliveira da Silva

Relatou a sua experiência de pesquisadora na coleta de narrativas dos líderes de bibliotecas comunitárias, sujeitos objetos de estudo de sua pesquisa de mestrado, em que utilizou a técnica do Discurso do Sujeito Coletivo – DSC.

Confrontou as recomendações teóricas acerca do ambiente da entrevista com as suas experiências vividas, enquanto pesquisadora, na coleta das narrativas para composição do DSC.

Apresentou orientações para pesquisadores para uma série de procedimentos e cuidados que devem ser levados em consideração para validação deste instrumento de análise, o que inclui o momento das entrevistas em busca de narrativas.

Ressaltou alguns fatores relevantes para os pesquisadores neste processo: demonstração de compromisso com a ética na pesquisa (TCLE); apresentação padrão para o

entrevistado; cuidado com o vestuário; ambiente preparado para o êxito, a entrevista não pode ser realizada duas vezes; rigor em seguir o roteiro sem introdução de novas questões ou modificar, opinar ou intervir na entrevista; cordialidade, mas cuidado com o clima de descontração (interferência no discurso); emoções (gestos, postura); preparo do equipamento de gravação.

Destacou a interação com o entrevistado na coleta de narrativas onde realizou entrevistas presenciais e à distância; contato antecipado por e-mail e, por vezes, confirmado por telefone; dia, horário e local, escolhidos pelo entrevistado; TCLE e gravador (com pilhas reserva); roupa discreta e padronizada.

Concluiu que o entrevistador é quem direciona o sucesso da entrevista; a importância de controlar as emoções durante a entrevista (agitação, preocupação, interrupção, choro, tristeza, risadas, concordância); as entrevistas à distância, em que o entrevistado estava em casa, exigiram mais do entrevistador: sono, estabelecimento dos encontros, tecnologia, vida em família (exposição); a importância das orientações iniciais nas entrevistas presenciais, realizadas em sua maioria no local de trabalho do entrevistado, a prioridade para o entrevistado é o trabalho; observou prontidão e envolvimento de igual forma nos dois ambientes de pesquisa (virtual e presencial).

Pergunta 1 - Como você conseguiu encontrar estas bibliotecas universitárias?

Ana Cláudia - Eu tenho uma dívida com uma rede virtual de bibliotecas comunitárias. Algumas iniciativas eu conhecia de experiência anterior, visitei, mas algumas não existiam mais; mas, a grande maioria foi através da Rede Brasil de Bibliotecas Comunitárias, da Profa Elisa Campos Machado (Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas).

Profa Dra Elisa Cristina Delfini Correa – Trabalho como estes são raros e servem para passar aos alunos como fazer ciência.

6.6 DO CATÁLOGO IMPRESSO AO ON-LINE: alguns desafios para os profissionais bibliotecários

Autores: Brisa Pozzi de Sousa; Mariângela Spotti Lopes Fujita

Apresentação: Prof. Divino, representando as autoras

Descreveu, por meio da literatura especializada, os desafios dos profissionais bibliotecários em relação à utilização do catálogo on-line como principal ferramenta de armazenamento e recuperação da informação documentária, em relação às práticas existentes com os catálogos manuais.

Destacou as funções dos catálogos: ser um instrumento de recuperação da informação e ser um recurso para o acesso à informação. Ressaltou que originalmente os catálogos tinham a finalidade de inventariar o acervo de uma biblioteca.

Enfatizou como os catálogos são organizados, bem como as diversas formas de apresentação dos catálogos em diversos tipos de suportes: manuais, impressos, semi-automatizado, automatizados, eletrônicos (online). A diferença entre a forma manual e a *on-line*: além do suporte, esta no processo de busca e recuperação da informação.

Concluiu que ser bibliotecário no mundo atual não é tarefa fácil e requer do profissional atitude pró-ativa e de educação continuada. Afinal, na atualidade todas as profissões passam por desafios, descobertas e evolução sendo imprescindível adaptação a mudanças.

6.7 USABILIDADE DA SEÇÃO DE AVALIAÇÃO DO SISTEMA ELETRÔNICO DE EDITORAÇÃO DE REVISTAS ATRAVÉS DA OPINIÃO DOS AVALIADORES DO PORTAL DE PERIÓDICOS CIENTÍFICOS DA FURG

Autores: Tatiane Priscila Pinto Corrêa; Angélica Conceição Dias Miranda

Apresentação: Tatiane Priscila Pinto Corrêa

Apresentou os resultados de uma pesquisa realizada com o objetivo de conhecer a usabilidade da seção de avaliação do Sistema Eletrônico de Editoração de Revistas (SEER), na visão dos avaliadores das revistas do Portal de Periódicos Científicos da FURG.

Com base na prática desenvolvida junto aos editores das revistas do Portal de Periódicos Científicos da FURG, notou-se que a maioria dos avaliadores possui dificuldades para a utilização do Sistema Eletrônico de Editoração de Revistas (SEER).

Para o levantamento dos dados foi aplicado questionário online (Google Forms) dividido em duas partes: análise do contexto de uso (perfil) e questões acerca da usabilidade da seção. O universo de pesquisa foi todos os avaliadores das 11 revistas do Portal de Periódicos da FURG. O Portal conta com total de 567 avaliadores, sendo que 96 – 17% do universo de pesquisa - responderam o questionário.

Constatou-se que o perfil dos avaliadores do Portal de Periódicos Científicos da Universidade Federal do Rio Grande (FURG) constitui-se de profissionais, em sua maioria mestres e doutores, advindos das mais diversas áreas do conhecimento, sendo as mais destacadas as Ciências Sociais Aplicadas e as Ciências Humanas, seguidas das Ciências da Saúde e das Ciências Exatas e da Terra. Os usuários pesquisados possuem um tempo considerável de uso de computadores e Internet, isto é, acima de 6 anos. Todos acessam a rede mundial de computadores diariamente. A maioria dos avaliadores – 91% deles – não participaram de curso ou treinamento relativo ao SEER.

A avaliação de usabilidade do SEER foi analisada, considerando-se os seguintes quesitos: eficiência de uso, facilidade de aprendizado e de memorização, baixa de erros e satisfação do usuário. Todos os quesitos foram avaliados positivamente pela maioria dos pesquisados. Os resultados que oscilaram entre ruim e péssimo puderam ser sutilmente ilustrados com base nas análises dos comentários dos pareceristas, que salientaram a importância da inclusão de um roteiro de avaliação no sistema da revista, maior realces na comunicação visual da seção e organização das informações.

Concluiu que a interação entre o usuário e o SEER está transcorrendo dentro dos padrões de normalidade, embora tenham sido identificados alguns aspectos que merecem atenção e ajustes que vão ao encontro das necessidades dos avaliadores.

6.8 IMPLANTAÇÃO DO REPOSITÓRIO DIGITAL DO PROJETO “MEMÓRIA CIENTÍFICA DA FAED” COM DSPACE: relato de experiência

Autores: Divino Ignácio Ribeiro Jr.; Ana Maria Pereira; Glaucia Oliveira Assis; Marília Beatriz de Castro Schenkel; Luana Corrêa da Silveira; Karolayne Costa Rodrigues de Lima

Apresentação: Luana Corrêa da Silveira

Apresentou o relato de experiência da implantação do repositório digital do projeto “Memória Científica da FAED” com DSpace. O objetivo do repositório é disponibilizar o conteúdo das pesquisas científicas e da pós-graduação, assegurando o livre acesso a estas informações. Tal projeto articula três ações de extensão, a saber: criar um repositório que compreenderá as pesquisas realizadas na graduação por meio dos projetos de iniciação científica; criar um repositório temático dos programas de pós-graduação da FAED; capacitar os usuários no uso da Plataforma do Repositório (DSpace) para que haja a absorção das tecnologias e da cultura de uso desse tipo de iniciativa. Destacou alguns requisitos para a escolha e implantação da Plataforma de Software para criação do repositório digital, tais como: plataforma compatível com Protocolo OAI-PMH (para promover interoperabilidade); software livre e aberto; compatível com padrão de metadados Dublin Core. Opção escolhida: Software Dspace 1.7.2 por possuir documentação bem detalhada; ampla comunidade desenvolvedora; muitos usuários institucionais.

Ressaltou três etapas para a implantação do repositório: fase 1: preparação do servidor e a instalação dos softwares (DSpace, Apache Tomcat, Apache Ant, Apache Maven, Postgre SQL, Sistema Operacional Debian); fase 2: preparação dos documentos para importação no DSpace (tratamento documentário dos resumos das pesquisas da FAED-UDESC; geração de arquivos de dados em formato CSV - Comma Separated Values; coleta dos metadados de teses e dissertações da FAED a partir do TEDE para uma coleção temporária do Dspace, para tratamento e validação); fase 3: procedimento de carga no DSpace.

Enfatizou como foi realizada a preparação do material da Pós-Graduação: coleta dos metadados dos materiais na plataforma TEDE da BU-UDESC; é criada uma coleção no DSpace específica para a carga de metadados via harvesting, sendo informado os dados (URL de base e coleção); por meio de acesso remoto ao servidor, é iniciado o processo de carga dos metadados; posteriormente a carga é separada para uma nova coleção dos itens referentes aos PPGs da FAED.

Falou sobre as vantagens e dificuldades da importação de arquivo CSV: a interface do DSpace é simples e fácil de operar; requer, obrigatoriamente, que o arquivo esteja na norma RFC 4180 (padrão CSV), e na codificação de caracteres UTF-8; deve ser realizada em pequenos lotes, de até 20 registros por vez. Lotes maiores precisam ser carregados diretamente no servidor (requer conhecimento técnico especializado).

Concluiu que a interface do DSpace permite a customização para a vinculação da imagem institucional da Udesc junto ao repositório; a importância da terceira ação do projeto, que é a capacitação de servidores e pesquisadores para realizar o autoarquivamento dos itens no repositório digital; um repositório precisa ser conduzido por uma equipe multidisciplinar (gestores da instituição, profissionais da informática, bibliotecários, autores) para que tal iniciativa tenha bom termo, e fundamentalmente, de forma sustentável.

6.9 ESTUDO PRELIMINAR DO TESAURO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE

Autores: Márcia Silveira Kroeff; Fabiano Contart Leoneti

Apresentação: Fabiano Contart Leoneti

Apresentou os resultados de um estudo que teve como objetivo elaborar uma versão preliminar de um Tesauro Brasileiro em Ciências do Esporte. A pesquisa realizada é do tipo aplicada, pois tem como motivação a necessidade de produzir conhecimento para aplicação de seus resultados, com o objetivo de contribuir para fins práticos, visando à solução mais ou menos imediata do problema encontrado na realidade. O material bibliográfico, objeto de análise do presente estudo, foi composto por duas obras de referência, são elas: a) BARBANTI, V.J. **Dicionário de educação física e esporte**. 2.ed. Barueri, SP: Manole, 2003; b) TUBINO, M.J.G.; TUBINO, F.M.; GARRIDO, F. A.C. **Dicionário enciclopédico Tubino do esporte**. Rio de Janeiro: SENAC, 2007.

Ressaltou os procedimentos de análise e construção do tesauro: para a elaboração do tesauro a opção foi preferencialmente pelo uso de palavras no singular e termos compostos; foram adicionadas notas de escopo, aos termos específicos, a fim de definir as principais abordagens; utilizou-se os dicionários de Barbanti (2003), Tubino, Tubino e Garrido (2007) e Tubino (2011); para a elaboração e consolidação do estudo preliminar de tesauro foi utilizado o software livre TheW33, que foi desenvolvido pelo Professor Timothy C. Craven; foi feito o relacionamento de termos do tesauro em inglês e português. O tesauro foi estruturado em dois formatos: **ALFA** - formato que lista todos os termos do tesauro de maneira alfabética, incluindo todos os relacionamentos e notas que foram feitos com o termo; **TREE** - formato que lista os termos do tesauro em formato de árvore hierárquica (notas de escopo não são exibidas nesse formato). Foram usados na construção do tesauro 78 termos e 44 termos preferidos.

Destacou que o público alvo (usuários finais) deverá ser composto principalmente por profissionais vinculados à informação e documentação que atuam na área das Ciências do Esporte. Da mesma forma, professores/pesquisadores, alunos de graduação e pós-graduação e editores de revistas científicas da área também poderão se beneficiar com o uso do Tesauro. A atualização do Tesauro deverá ser feita constantemente. Com a finalidade de prestigiar os autores das obras que deram origem ao “Estudo preliminar do Tesauro Brasileiro de Ciências do Esporte”, pretende-se divulgar o tesauro aos autores e colocá-lo a disposição dos mesmos; pretende-se também, em um segundo momento, que cada classe principal e suas subclasses sejam revisadas por especialistas da área dos esportes e da educação física. Espera-se ainda contar com a avaliação do tesauro, pelos pares profissionais da área de biblioteconomia. Após as devidas avaliações, pretende-se que o tesauro possa ser disponibilizado eletronicamente em versão on-line para consulta aos usuários.

6.10 REVISTA BRAVO!: análise de um periódico não científico como fonte de informação na área literária

Autores: Laís Paggi; Profa Dra Elisa Cristina Delfini Correa

Apresentação: Laís Paggi

Apresentou os resultados de um estudo cujo objetivo foi avaliar a qualidade e credibilidade da Revista Bravo! como fonte de informação na área literária. Analisou a seção de literatura do site da Revista Bravo! a partir dos critérios de Confiabilidade das Informações (autoridade) e pertinência dos links da seção.

A Revista Bravo! foi objeto de análise devido a grande ênfase que dá a área literária; optou-se por um periódico não-científico para análise, pois o mesmo possui ampla circulação; escolheu-se a área literária devido a importância da leitura para formação intelectual do indivíduo; a pesquisa trouxe contribuições científicas para a Biblioteconomia e Ciência da Informação, uma vez que não foram encontrados casos de análise de credibilidade de periódicos não-científicos como fontes de informação.

Os critérios utilizados para análise do site foram: Informação de identificação; Consistência das informações; Confiabilidade das informações; Adequação da fonte; Características da navegação; Facilidade de uso; Layout da fonte; Restrições percebidas e Suporte ao usuário. Os critérios utilizados para análise da seção de literatura: Confiabilidade das Informações (Autoridade); Atualização e pertinência dos links da seção.

O Site atendeu a todos os critérios, mas é necessário ressaltar algumas especificidades: Inexistência de Interface de ajuda; Inexistência de simultaneidade na navegação; Inexistência de busca avançada. O site apresenta pouca inovação concernente a utilização de links e outras mídias.

Concluiu que a evolução da imprensa consolidou os periódicos como fontes de informação cada vez mais utilizadas pela sociedade. Os autores da seção de literatura estão habilitados a discorrer sobre os assuntos propostos, uma vez que, possuem especialização advinda de seus estudos acadêmicos e agregam experiência profissional na área jornalística e literária. Observou-se que o site da Revista Bravo! procura ambientar o leitor no mundo das artes, ofertando em sua composição gráfica, a estética refinada presente em seu fascículo impresso. Verificou-se que o site pode empreender melhorias concernentes a recuperação da informação e inovação de recursos como links e outras mídias. Embora a metodologia de Tomael et. al (2004) abranja elementos que sejam mais recorrentes em fontes de informação científica como tesouros, busca booleana, índice entre outros, percebeu-se que a maioria dos critérios que a mesma elenca são pertinentes à avaliação de fontes de informação de caráter não científicos. A partir do estudo empreendido foi possível averiguar que a Revista Bravo! é uma fonte de informação de qualidade com credibilidade na área literária.

6.11 OS ARTIGOS CIENTÍFICOS EM TEMPOS DE WEB 2.0: uma reflexão teórica

Autores: Profa. Dra. Elisa Cristina Delfini Correa (Curso de Biblioteconomia/UDESC)

Apresentação: Profa. Dra. Elisa Cristina Delfini Correa

Apresentou uma reflexão acerca do papel social do artigo científico e da universidade para a democratização da ciência. Levantou questionamentos sobre a rigidez do processo de publicação e das potencialidades advindas da web 2.0 a fim de tornar o diálogo científico mais aberto a partir da publicação de artigos nascidos digitais (*born digital*)

Destacou a relevância social e a importância acadêmica dos artigos científicos, bem como o papel dos artigos científicos na comunicação científica nas universidades. Ressaltou as características do processo de publicação: regras rígidas; competitividade acirrada; sistema de arbitragem e controle de qualidade; universo circunscrito, gira em torno de si mesmo – excludente; simples migração do impresso ao eletrônico - estrutura linear analógica.

Enfatizou que a Web 2.0 é uma proposta que se opõe a isso tudo, uma proposta de interação e participação. Descreveu como são os artigos científicos em tempos de Web 2.0: nascidos digitais (*born digital*); otimização do texto - hipertextualização e comunicação temática; características - não é criado para ser lido impresso; hipertextual e hipermediático; elaborado pelo autor com descrição de conteúdo com marcadores semânticos, ligações com outros artigos e *upload* de informações suplementares; capazes de permitir contato direto entre autor e leitor - mudanças estruturais e paradigmáticas; reconhecimento pelo diálogo e pela autoridade do argumento; criação de fóruns de debates dentro dos próprios periódicos (adicionar comentários –OJS – Open Journal System); participação mais ativa entre os pares; participação da comunidade em geral – democratização da ciência.

Ressaltou as vantagens e desvantagens desta proposta de artigos científicos: exposição do autor e suas idéias; desconstrução da academia enquanto “dona da verdade e do método científico”; abertura de discussão pública - reafirmação e desmistificação da ciência enquanto “verdade final e estável”.

Concluiu que a redefinição da produção de artigos científicos requer apropriação de recursos tecnológicos para introduzir mudanças sociais mais efetivas e a necessidade de empenho e disposição por parte da comunidade científica. O bibliotecário deve se juntar às iniciativas de desenvolvimento de novas tecnologias para o texto nascido digital para garantir que haverá padrões úteis, necessários e relevantes ao tratamento dos documentos digitais.

Encerrou-se o debate.

7 CONFERÊNCIA FINAL: “Mediação, disseminação e educação continuada”

Conferencista: Prof. Dr. Osvaldo Francisco de Almeida Jr. (UEL, Londrina/PR)

Introduziu sua fala com a poesia “Envelhecer” de Bastos Tigre - patrono dos bibliotecários no Brasil, para destacar que somos uma profissão antiga (a biblioteca mais antiga hoje é a de Nínive criada 6, 7 séc. a.C.).

Informou que a biblioteca pública nasce aproximadamente em 1950 com uma função educacional. No final da década passa a ter duas grandes responsabilidades, cultural e recreacional. Em final dos anos 60 início dos anos 70 começa a responsabilidade informacional.

Ressaltou que o bibliotecário é aquele que medeia a necessidade informacional e as informações que estão no universo informacional. Para fazer isso ele precisa conhecer o usuário. A mediação trabalha com caráter epistemológico. Para se buscar no universo informacional informação que satisfaça a necessidade informacional é preciso organizar a informação.

Falou sobre as origens da mediação da informação a partir das duas revoluções: industrial - precisava de mão-de-obra especializada; e a francesa - norte da liberdade, fraternidade e igualdade.

Conceituou Serviço de Informação e Referência e ressaltou as linhas de atuação deste serviço na biblioteca. Comentou as fases do processo de referência. Destacou a mediação como superação do Serviço de Informação e Referência. Apresentou o ciclo da mediação da informação (explícita e implícita). Enfatizou diversos conceitos de informação e ressaltou o problema da informação *“a informação não é objetiva, é subjetiva. Se é subjetiva, como posso organizar a informação? Eu organizo o suporte desta informação e trabalho uma hipótese de que ela vai ser informação”*

Destacou dois pontos importantes no conceito de mediação da informação: interferência e apropriação. Falou sobre a mediação pós-questão - aquela que se concretiza depois da explicitação da questão de referência pelo usuário; e a mediação pré-questão - aquela que se antecipa à questão, prevendo como será ela apresentada, quais os problemas que o usuário enfrentará no sistema para obter informações, etc.

Enfatizou que a leitura informacional – aquela presente quando da apropriação, por parte do usuário, da informação que resultará em alteração, em transformação de seu conhecimento – é imprescindível na apropriação da informação e, portanto, constitui-se como uma das principais – talvez a principal – atribuições do profissional da informação, independente do equipamento informacional em que atua, dos suportes com os quais trabalha e das inúmeras linguagens que utiliza para mediar informações.

Abordou as formas de educação continuada formal e informal.

O presidente da ACB/SC encerrou os trabalhos do **XXX PAINEL DE BIBLIOTECONOMIA EM SANTA CATARINA** e convidou os presentes para o **coquetel de encerramento**.

ANEXO – Relatório do VII Fórum Estadual de Bibliotecas Escolares

Realização:



VII FÓRUM ESTADUAL DE BIBLIOTECAS ESCOLARES

TEMA

O profissional da informação e a pesquisa em biblioteca escolar

Data: 08/10/2011 das 8h às 12h20min

Local do evento: Centro de Eventos SESC Cacupé
Estrada Haroldo Soares Glavan, 1670. Cacupé
Florianópolis – SC

Florianópolis, 2011

Associação Catarinense de Bibliotecários (ACB).
CNPJ: 75.370.015/0001-40
Avenida Josué Di Bernardi, 239 – Ed. Jowi – Sala 302
88101-200 – Campinas – São José – Santa Catarina – Brasil
Tel.: (48) 9933 5384 E-mail: secretaria@acbsc.org.br
Site: <http://www.acbsc.org.br>

1 CERIMONIAL DE ABERTURA

Solenidade de abertura do VII FÓRUM ESTADUAL DE BIBLIOTECAS ESCOLARES, uma realização do Grupo de Bibliotecários da Área Escolar de Santa Catarina – GBAE/SC, com o objetivo de renovar e dialogar conhecimentos na área de bibliotecas escolares, exigir e consolidar a existência de bibliotecas em todas as escolas, conforme a Lei nº 12.244/2010.

A bibliotecária Herta Kieser deu início à solenidade de abertura, falou da sua experiência em biblioteca escolar e de sua atuação em contação de histórias para crianças. Ressaltou que o livro é importante para que as crianças possam aprender a pensar. Citou Ivan Montenegro, que diz “em nossos lares, em nossas escolas nos ensinam a falar, ler, interpretar e escrever, mas nem sempre nos ensinam a pensar (...) pensando se aprende, e aprendendo se cresce...”.

As seguintes autoridades foram chamadas para compor a mesa de abertura: Eliane Fioravante Garcez, mestre em Ciência da Informação, representando o Grupo de Bibliotecários da Área Escolar de Santa Catarina (GBAE/SC) e coordenadora do VII Fórum Estadual de Bibliotecas Escolares; Ana Lúcia Zaia Costa, bibliotecária, presidente do Conselho Regional de Biblioteconomia 14ª Região (CRB-14); Osias do Rosário, presidente da Associação Catarinense de Bibliotecários de Santa Catarina (ACB/SC); Maike Ricci, representante do secretário de estado da educação de SC, Dra. Magda Teixeira Chagas, professora no Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); Mestre em Educação, Fernanda Sales, professora no Curso de Biblioteconomia, Centro de Ciências Humanas da Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).

Em seguida, cada membro da mesa fez sua saudação à plenária.

Fernanda Sales em sua fala, disse que acredita na causa nobre da biblioteca escolar, parabenizou os integrantes do GBAE/SC e desejou uma boa discussão. Falou da importância dos acadêmicos de biblioteconomia começar ainda na graduação, ter uma idéia do ambiente de informação e de formação que é a biblioteca escolar. No tema do VII Fórum de Bibliotecas Escolares de SC: O profissional da informação e a pesquisa em biblioteca escolar, segundo Fernanda, se podem abrir duas formas de reflexão, a pesquisa na biblioteca e sobre a biblioteca escolar. Finalizou falando dos desafios que se apresentam com a universalização das bibliotecas escolares, uma necessidade reconhecida, e que estes espaços de discussão serão cada vez mais importantes para a biblioteca escolar brasileira.

Magda Teixeira Chagas falou de sua satisfação em discutir o tema biblioteca escolar que é a primeira biblioteca que utilizamos e nos tornamos leitores e pesquisadores. Ressaltou os importantes trabalhos sobre bibliotecas escolares que tem sido realizados no Programa de Pós Graduação de Ciência da Informação da UFSC (PGCIN/UFSC). Falou sobre o PGCIN/UFSC, as linhas de pesquisa, os números de dissertações defendidas desde o início do programa, em 2003, até hoje. Destacou a experiência desafiadora de ofertar o Curso de Especialização em Gestão de Bibliotecas Escolares, na modalidade a distância. Concluiu recomendando que os bibliotecários não percam a oportunidade de continuar estudando.

Osias do Rosário parabenizou a organização do evento e desejou um bom fórum à todos. Falou do desafio de lutar pela implantação da Lei nº 12.244/2010, já que nem todos os estados estão engajados. Fez um apelo para os bibliotecários e acadêmicos presentes

ingressarem nos grupos de discussão da área jurídica e da biblioteca pública, que precisam ser reativados.

Ana Lúcia Zaia Costa fez uma breve saudação desejando as boas vindas a todos.

Eliane Fioravante Garcez falou da proposta do VII Fórum de Bibliotecas Escolares: socializar trabalhos desenvolvidos na pós-graduação (especialização da UDESC e UFSC e no mestrado em Ciência da Informação UFSC), e convidar os presentes a pensar sobre a aplicação da Lei 12.244/2010. Ressaltou seu anseio em ver biblioteca escolar sendo tema de Seminário promovido pelo Governo do Estado, onde gestores, educadores e bibliotecários passassem a pensar no futuro da educação com a inclusão da biblioteca escolar, um setor da escola onde os alunos possam ter acesso às diferentes fontes de informação e oportunidade de complementar o que o professor repassa e o que o livro didático traz. Falou sobre a questão do plágio nas instituições de ensino e das exigências do acórdão do Conselho Federal da OAB ao Ministro da Educação de providências e adoção de medidas para prevenção e combate ao plágio nas escolas. Ressaltou a importância da orientação durante a educação básica com relação ao plágio e da existência de bibliotecas escolares com bibliotecários atuantes. Destacou que a existência de biblioteca na escola não é uma questão de corporativismo da classe bibliotecária, mas que ali existe, sim, uma lacuna, que precisa ser preenchida com o trabalho cooperativo entre biblioteca/bibliotecário, e a sala de aula/professor. Enfatizou que biblioteca escolar deve ser incorporada numa proposta de governo. Ressaltou a importância do encaminhamento pelo executivo estadual à Assembléia Legislativa, projeto de lei que prevê a criação do cargo de bibliotecário no estado de SC para que se abram concursos públicos. Falou da necessidade de melhorar a estrutura das bibliotecas escolares. Abordou a falta de conhecimento por parte dos educadores dos diversos trabalhos elaborados nos cursos de Biblioteconomia sobre a biblioteca escolar. Destacou que pouco adianta ter bibliotecas nas escolas se elas não estiverem inseridas no planejamento do professor e na sua ação docente. Falou da importância da escola apresentar questões e não perguntas, pois ao serem questionados os alunos precisarão se posicionar, o que exige deles leitura, reflexão, estabelecendo novas relações e novas sínteses, a escola tem que apontar o caminho ao aluno para o processo de construção do conhecimento. Enfatizou que um país competitivo se faz com investimento em pesquisa e este exercício da pesquisa deve ser iniciado a partir da educação básica, com bibliotecas, acervos e bibliotecários oferecendo orientações aos alunos. Ressaltou que não basta disponibilizar os meios é preciso orientar àqueles que irão usufruí-los e o bibliotecário pode colaborar nessa tarefa. Bibliotecários e professores se complementam e ambos podem aprender um com o outro, a partir do momento em que for oferecida oportunidade de trabalharem juntos. Finalizou citando Paulo Freire “A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca”.

2 CONFERÊNCIA DE ABERTURA: “A escola do profissional da informação na escola”

Coordenadora da mesa - Eliane Fioravante Garcez
Conferencista - Prof. Dr. Luiz Augusto Milanesi

Em sua explanação, Milanesi falou que a biblioteconomia é uma profissão de pouco diálogo com o mundo, historicamente é definida como técnica de organização e que é muito raro, enquanto profissionais, dialogarmos com a sociedade. Segundo Milanesi, este é o primeiro elemento que precisamos quebrar, pois é preciso falar o tempo todo com a sociedade.

Ressaltou que a justificativa para o ensino da biblioteconomia sempre foi do ponto de vista da organização. No entanto, as técnicas são os meios, se ficarmos unicamente com a formação técnica, às colocaremos como um fim em si. Isto é esterilizar a profissão.

Conforme Milanesi, a partir dos anos 80, do século XX, iniciou-se uma mudança no olhar, o objetivo central passa a ser o usuário e não a organização. A organização é um meio e não um fim. O fim é a pessoa, o fim é a coletividade. Nesta época publicaram-se teses sobre a biblioteca pública e escolar, preocuparam-se com o público heterogêneo. No ano 2000 a produção chegou a zero, abdicou-se de entender biblioteca pública e biblioteca escolar.

Milanesi questionou o tipo de formação que é dada ao estudante de biblioteconomia ainda hoje,

“numa mesma sala, há quem vai atuar com crianças em bibliotecas escolares e infantis; administrar bibliotecas públicas, centros de cultura; trabalhar em bibliotecas universitárias; organizar sistemas de informação em corporações; o resultado é a diversidade, somos tudo e não somos efetivamente nada na nossa formação. O genérico do aluno da genérica biblioteconomia. O aluno faz a opção pela biblioteconomia no vestibular. A maioria não tem informações precisas sobre a área. Durante o curso descobre a diversidade de campos, quase sempre faz as opções pelo mercado de trabalho e não pela vontade”.

De acordo com Milanesi, se existem públicos potenciais diversificados, se as técnicas são meios e não fins, se existem públicos diferentes, existem práticas diferentes, então é preciso segmentar a formação do bibliotecário por público, ser especialista no público real. É preciso criar já cursos que formem profissionais da informação voltados para o público escolar.

Destacou que um diferencial da biblioteca escolar é que se tem o professor como outro componente, não é apenas um leitor a procura de um texto. A figura do professor estará sempre intermediando coisas. Isto muda tudo, na biblioteca pública não tem professor. Mas, dentro da escola esta figura é fundamental. Tem-se que manter este diálogo.

“Há um conflito entre a liberdade de pesquisa e a autoridade do professor. Não existe educação sem conflitos o educando precisa se defrontar com conflitos para aprender a tomar decisões. Autoridade é confortável a decisão não é confortável. A criança tem que ter a experiência de escolhas. Aluno adora professor fascista, porque o fascismo é cômodo. Precisamos formar pessoas que tenham habilidade e coragem para tomar decisões”.

Abordou o efeito da Internet na escola e nas bibliotecas escolares.

“Antes da Internet era claro o papel da biblioteca escolar como reforço da aula, como alternativa à aula, o bibliotecário como intermediário entre o aluno e o acervo, depois da Internet houve uma mudança de papel da biblioteca escolar, criou-se espaços na biblioteca para atrair as crianças, lan houses - existem milhares delas e não se tem bibliotecas escolares para se fazer pesquisa. Surgiram várias indagações: o que é a mediação? é técnica ou conteúdo? a Internet precisa de mediadores técnicos? a Internet precisa de mediadores? então seria de conteúdo? mas, esta intermediação não seria do professor? onde ficam os bibliotecários nesta história? Os nativos da Internet mudam não apenas a biblioteca tradicional, mas a idéia de educação. Não são apenas os bibliotecários que tem problemas com a Internet, os professores também têm. Há uma visão conservadora dizendo que o povo é pobre, não tem acesso à internet, mas isso é uma questão de tempo, progressivamente aumenta o poder aquisitivo da população, o computador torna-se um eletrodoméstico, existem mais lan houses do que bibliotecas escolares e existe a ‘nuvem’. Isto é hoje o que mais nos assusta. Tudo está na ‘nuvem’, todos os filmes estão na ‘nuvem’, milhões de documentos estão na ‘nuvem’. A menor cidade do estado de Santa Catarina, certamente tem acesso a Internet, portanto tem acesso a ‘nuvem’ mas, não consegue chegar, a um texto, um vídeo. A ‘nuvem’ é a biblioteca universal. Não é mais o lugar ‘biblioteca’, a nova geração não tem problemas em aceitar isso. Com a Internet tem-se alguns elementos novos. Mudou a idéia e a prática da liberdade, não tem barreira, a liberdade não está na biblioteca tradicional, porque ela é limitada, e a Internet é ilimitada. Não esta na sala de aula, porque o professor é limitadíssimo, e o autoritário é mais ainda. Esta liberdade pode estar acima da autoridade do professor. Ou depositamos as esperanças nos bibliotecários que virão (se vierem), ou reinventamos as relações da informação com a educação. Há um paradoxo aparente, a Internet ampliou os espaços do profissional da informação, nunca se teve um espaço tão grande e estimulante como este. Educação em três itens. Educação do intelecto, educação do corpo, e educação da sensibilidade. A biblioteca escolar pode atuar fortemente na educação do intelecto. E, especialmente, na educação da sensibilidade. Quebrar práticas convencionais e inovar: todas as informações estão na ‘nuvem’; sons e imagens também são informação; objetos também são informação; não é, apenas, o lugar para ler, é um espaço para ler, ver, ouvir, conversar, agir e interagir; a configuração espacial da biblioteca será outra; o bibliotecário deverá dialogar com os professores; é responsável pela biblioteca o bibliotecário e não o professor; a biblioteca deve ter não apenas serviços, mas programas; o bibliotecário será, também, um educador; a formação do bibliotecário será outra. A biblioteca escolar deve ser uma possibilidade de abertura para a criatividade das crianças, tem-se que mudar a formação deste profissional destinado às escolas neste país. A biblioteca escolar será o centro de cultura da escola, o primeiro centro de cultura da criança, o despertar do desejo do saber, o exercício para autonomia do pensar, o estímulo para compreender e sentir o mundo. Se colocarmos a biblioteca com esta função sem dúvida abrirá um espaço novo, riquíssimo e desafiador para todos nós”.

3 APRESENTAÇÃO DE TRABALHOS

Coordenadora da mesa – Daniela Oliveira Spudeit, Me.

3.1 BOAS PRÁTICAS DA PESQUISA ESCOLAR: estudo de caso em colégio de Chapecó/SC

Palestrante - Caroline Miotto

Apresentou o resultado de um estudo cujo objetivo foi descrever o processo de aplicação da pesquisa escolar em um colégio de ensino infantil, fundamental e médio localizado na cidade de Chapecó/SC identificando boas práticas e oportunidades de melhoria. Os objetivos específicos nesta investigação foram: listar as práticas de pesquisa adotadas comparando-as com a literatura; analisar o roteiro da pesquisa utilizado na escola; buscar na literatura formas de contribuir com melhorias no processo da pesquisa na escola em estudo. Os procedimentos de pesquisa foram a pesquisa documental e o estudo de caso.

Os dados foram coletados no Projeto Político Pedagógico, no *site* da escola e por observação não estruturada, espontânea, informal. A fundamentação teórica foi baseada nos autores Pedro Demo (1996); Kuhlthau (2010) e Silva (2006).

Resultados: a pesquisa escolar além de uma estratégia de aprendizagem é o pontapé inicial para o desenvolvimento dos futuros cientistas pesquisadores; a pesquisa escolar na escola estudada é desenvolvida com muito empenho pela equipe pedagógica; o II Congresso de Iniciação Científica e a Revista do II Congresso de Iniciação Científica são resultados das pesquisas interdisciplinares; a orientação da pesquisa é amplamente discutida em sala de aula; a pesquisa correlaciona os conteúdos já repassados em sala de aula; o projeto político-pedagógico deve ser reformulado; sugere-se a participação do bibliotecário nas reuniões pedagógicas e no planejamento das atividades (orientação e normalização); a biblioteca da escola necessita passar por reestruturação. Concluiu que se comparada a realidade escolar da maioria das escolas brasileiras a escola em estudo está a frente de muitas pelo fato de desenvolver a pesquisa escolar desde a educação fundamental baseada nos alicerces da pesquisa científica.

3.1.1 Perguntas e comentários

Laís Cristina Paggi, SESI/SC – Como é este trabalho de ensinar o aluno os módulos da pesquisa científica, que recursos são utilizados?

Caroline - As orientações são repassadas pela professora de língua portuguesa, que prepara os slides que contém desde a questão do que é pesquisa, porque pesquisar, importância da pesquisa até as questões relacionadas as referências e citações. Isto é feito antes mesmo dos temas serem definidos. A pesquisa é feita utilizando todas as fontes de informação possíveis (livros, periódicos, internet). As apresentações das pesquisas são apresentadas para a turma em sala de aula, utilizando o *data-show*, e depois é socializado no Congresso de Iniciação Científica. Geralmente a fontes são pré-determinadas, o professor indica as fontes à serem pesquisadas.

3.2 “VEM CÁ ... TE CONHEÇO !?”: marketing em biblioteca escolar

Palestrante – Mônica Valério Barreto

Apresentou os resultados de uma pesquisa realizada com o objetivo de verificar a necessidade de um plano de comunicação e marketing adequado à especificidade da Biblioteca do Colégio X, com vistas à melhoria dos serviços oferecidos. Os objetivos específicos foram: caracterizar a biblioteca e a comunidade escolar; descrever as ferramentas utilizadas para divulgação da biblioteca; conhecer os produtos e serviços de informação oferecidos pela biblioteca; verificar qual a importância de um canal de comunicação eficaz entre a biblioteca escolar e seus usuários; identificar como, onde e quais informações são divulgadas sobre a biblioteca; verificar se os usuários sabem utilizar os produtos e serviços de informação oferecidos e se conhecem os seus benefícios; analisar se os usuários consideram satisfatório o atendimento na prestação dos serviços. A pesquisa foi realizada com 11 (onze) professores e 330 (trezentos e trinta) alunos. Para a coleta de dados utilizou-se da observação participante; análise documental e aplicação de questionário semi-estruturado. Resultados: os relatos do questionário serviram para analisar o perfil dos utilizadores da biblioteca (estudantes e professores), bem como para caracterizar como ocorre o fluxo de informações e ainda obter informações que podem ser norteadoras para que a biblioteca obtenha subsídios para melhorar sua divulgação, serviços e atendimento. Com base nos resultados da pesquisa, concluiu que há a necessidade de otimização e incremento nos canais de comunicação da biblioteca do Colégio X. Esta constatação sinaliza a importância da manutenção de um canal eficaz de comunicação entre biblioteca e usuário, sugerindo-se então, no caso da biblioteca em questão, a criação de um canal on-line.

3.3 GESTÃO DE BIBLIOTECAS ESCOLARES: um caminho para a efetivação da Lei nº 12.244/2010

Palestrante – Caroline da Rosa Ferreira Becker

Falou sobre a explosão informacional, a dificuldade de acessar, localizar, filtrar, utilizar eficazmente, adaptar-se e socializar a informação, dificuldade de obter benefícios para a sociedade. Conceituou biblioteca escolar e apresentou dados das bibliotecas escolares no Brasil. Destacou as políticas públicas como o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE); Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL) e a Lei n.12.244, de 24 de maio de 2010. Ressaltou as quatro funções da administração que devem ser aplicadas à gestão das bibliotecas escolares: planejamento, organização, direção e controle. Identificou na Lei n. 12.244/2010 as funções gerenciais. Concluiu que os gestores de bibliotecas têm o compromisso de participar ativamente na implantação, na fiscalização, na divulgação e na efetivação da Lei nº 12.244/2010. Elencou algumas questões para reflexão: o que eu tenho feito para consolidar a profissão de bibliotecário? quais atitudes e ações tenho realizado para que a comunidade escolar (professores, diretores, coordenadores, alunos, pais) reconheça e entenda a importância e objetivos do meu trabalho? como estão minhas leituras e participações em eventos da área? como tenho me capacitado e me qualificado profissionalmente?

4 MESA REDONDA: “A universalização de bibliotecas (Lei Federal 12.244/2010) no Estado de SC”

Coordenação da mesa: Nêmore Arlindo Rodrigues, presidente do Conselho Federal de Biblioteconomia (CFB)

Participante: Claudete Mittmann, pedagoga e integrante da diretoria executiva do Sindicato dos Trabalhadores em Educação na Rede Pública do Estado de Santa Catarina (SINTE/SC), representando a Deputada Estadual Luciana Carminatti

Nêmore falou da importância da realização destes fóruns para que as experiências sejam trocadas e difundidas. Destacou o Fórum Nacional, realizado em Gramado, e o Fórum Binacional, realizado na fronteira entre Brasil e Uruguai. Disse que é um absurdo prever que toda a escola tenha uma biblioteca ou que toda biblioteca tenha um bibliotecário atuante, isto já deveria estar implícito. Ressaltou o Plano Nacional do Livro e da Leitura e o Plano Estadual da Literatura. Além dos Fóruns, das políticas públicas, segundo Nêmore, é necessário buscar aproximação com os parlamentares, para a criação do Sistema de Bibliotecas Estaduais e Municipais, onde as bibliotecas pólo realizariam a gestão, o atendimento. Enfatizou que a lei deve ser cumprida em até 10 anos, mas as escolas que já tem bibliotecas, não precisam esperar 10 anos para ter um bibliotecário atuando nelas. Segundo Nêmore, estas são ações políticas que todos precisam construir em suas bases, para que a Lei se efetive e seja aplicada.

Claudete justificou a ausência da deputada Luciana Carminatti e falou que na proposta de plano de carreira de cargos e salários do SINTE-SC o bibliotecário está contemplado, pois os professores entendem o bibliotecário como uma figura intrínseca no magistério, no setor pedagógico. A escola precisa contar com o bibliotecário dentro do projeto político pedagógico. Enfatizou que a Lei não propõe formas de como ter o bibliotecário nas bibliotecas e da importância de que seja implementada e regulamentada nos estados e municípios. Falou que vem trabalhando para uma educação de qualidade e isso se faz com bibliotecas. Ressaltou que luta para que as bibliotecas públicas, estaduais e municipais tenham bibliotecários concursados com plano de carreira e com suas profissões regulamentadas e respeitadas. Sugeriu a realização de audiências públicas nas regiões do estado para fazer um diagnóstico das bibliotecas públicas.

4.1 PERGUNTAS E COMENTÁRIOS

Miriam de Cássia do Carmo Mascarenhas Mattos, Diretora Regional da ACB-SC – No final do ano passado o projeto de lei passou por todos os deputados e foi aprovado por unanimidade, mas quando chegou ao procurador, ele disse que gera gastos para o executivo, então é inconstitucional. A gente fez esta mesa para fazer este contraponto com o executivo. A questão maior é como chegar no executivo. Que ações conjuntas poderíamos fazer?

Claudete – Esta lei não pode partir do legislativo, porque gera impacto financeiro, tem que partir do executivo, senão é inconstitucional. O governo do estado quer municipalizar o ensino fundamental, então ele não vai se preocupar em contratar bibliotecário se ele quer repassar este gasto para o legislativo.

Nêmora - Qualquer artifício jurídico que eles puderem se utilizar eles vão fazer. Uma alternativa é procurar um deputado da base do governo para que chegue ao governador e chegue ao executivo. Conversamos com políticos sérios e sensibilizamos da importância. Eles recebem nossos votos para nos representar então temos que interagir com eles.

Encerrou-se o VII Fórum Estadual de Bibliotecas Escolares com o anúncio dos nomes das pessoas que desejam fazer parte da próxima diretoria do GBAE-SC, são elas: Michelle Pinheiro, (IFSC, Campus Criciúma/SC); Caroline Miotto (Colégio Trilingue Inovação – Chapecó/SC); Caroline da Rosa Ferreira Becker (IFSC, Campus Rio do Sul/SC); Eliane Fioravante Garcez (Colégio Policial Militar Feliciano Nunes Pires); Patricia de Moraes Farias (SESI Jaraguá do Sul/SC).